



# LUME



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design | Departamento de Design

**LUME**

**Tipografia para cartazes feministas**

**Julia Navarro Lopes**

Orientação: Prof. Dra. Fernanda Henriques  
Projeto de Conclusão de Curso  
Bacharelado em Design Gráfico  
Bauru | 2022



# AGRADECIMENTOS

Primeiramente, um agradecimento especial às mulheres da minha vida, em especial minha mãe, que é uma das mais fortes que eu conheço e que sempre me serviu de inspiração para a pessoa que sou hoje. Desde pequena sentia orgulho das suas participações na militância e fazia questão de falar para todo mundo o que você já tinha ajudado a construir, mesmo sem entender de fato o que significava. Hoje eu sei e não tenho dúvidas de que é a semente que cresceu e me faz questionar tanto o mundo e não me permite aceitar as incoerências e desigualdades.

Ao meu pai, que junto da minha mãe sempre me incentivou a ter a educação como primordial e a buscar o sonho de estudar em uma universidade pública e por ter me dado a possibilidade de mantê-lo vivo todos esses anos.

Ao meu irmão, que me deu meu primeiro livro sobre feminismo, depois de ver que eu tinha começado a frequentar o coletivo feminista na Unesp e me incentivou a buscar uma perspectiva anticapitalista e entender a luta de classes.

Agradeço minhas amigas de Araras por terem incentivado e apoiado minha ida a Bauru e amigas da faculdade por todos os momentos passados ao longo desses anos e por toda a ajuda na trajetória do TCC, em especial à Silvia, que foi quase uma dupla para mim, sem você teria sido muito mais difícil, obrigada por ter me ajudado a credi-

tar no meu projeto. Mi e Juliana obrigada por estarem ao meu lado e por todo incentivo e apoio.

Minhas pessoas queridas do Inky Design, sou muito grata por todo aprendizado que ganhei no 1 ano que fiz parte desse projeto de extensão que tanto sonhei em entrar. Cassia e Ferdi, nossas professoras orientadoras, vocês foram muito importantes para a minha formação, agradeço todo o conhecimento.

À Ferdi agradeço também por ter aceitado me orientar e acreditar no meu projeto, enxergando um potencial que muitas vezes eu mesma não via.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha história em Bauru, meu muito obrigada.





# ÍNDICE

## 5 RESUMO

### FUNDAMENTAÇÃO

- 8 Design em contextos sociais
- 9 Cartaz Político
- 13 Importância da escrita nos cartazes
- 16 Movimento Feminista

## PARTE PRÁTICA

- 19 Análises de cartazes feministas
- 21 Chicago Women's Graphic Collective
- 26 El Fantasma de Heredia
- 28 See Red Women's Workshop
- 33 Pilar Aymerich
- 34 Os Cartazes desta História
- 40 Vocal Type
- 43 Topic Type BLM
- 44 -OC Revolt
- 45 Biblioteca Feminista
- 46 Resultados das Análises

## CRIAÇÃO

- 49 Ideias e rascunhos
- 49 Resultados
- 52 Identidade visual e aplicação em cartazes
- 55 Angela Davis
- 57 Françoise Vergès
- 59 Nina Simone
- 61 Margarida Maria
- 66 Divulgação

## 68 CONCLUSÃO

## 69 REFERÊNCIAS



# RESUMO

Lume é um projeto que teve como objetivo trazer visibilidade para o movimento feminista através do uso da tipografia e do design gráfico e, assim, trazer a tona o questionamento sobre o papel do design na sociedade e sua contribuição na política e ativismos. Ao longo dos anos cada vez mais esta profissão vem se tornando elitista, sofrendo um processo de "gourmetização" e se afastando do seu principal objetivo: a resolução de problemas. O intuito deste trabalho é colaborar com a disseminação da possibilidade de exercer um design socialmente crítico e engajado e utilizar os aspectos técnicos para transmitir uma mensagem útil para a sociedade e contribuir com processos de modificações estruturais através da conscientização, educação e engajamento de pessoas. O produto final é uma fonte com traços semelhantes aos letramentos de cartazes políticos do feminismo que foi aplicada em 4 cartazes com frases famosas de feministas com um papel importante na história do movimento, tendo como intuito serem distribuídos gratuitamente e de forma aberta para o uso.

**Palavras - chave:** Feminismo; Tipografia; Design ativista; Cartazes

# ABSTRACT

Lume is a project that aimed to bring visibility to the feminist movement through the use of typography and graphic design and, thus, raise the question about the role of design in society and its contribution to politics and activism. Over the years, this profession has become increasingly elitist, undergoing a process of "gourmetization" and moving away from its main objective: problem solving. The purpose of this work is to collaborate with the dissemination of the possibility of exercising a socially critical and engaged design and using the technical aspects to convey a useful message to society and contribute to processes of structural changes through awareness, education and engagement of people. The final product is a font with traits similar to the lettering of political posters of feminism that was applied in 4 posters with famous phrases of feminists with an important role in the history of the movement, with the intention of being distributed free of charge and in an open way for use.

**Keywords:** Feminism; Typography; Design activist; Posters





# FUNDAMENTAÇÃO



**TODO DESIGN  
SERVE OU  
SUBVERTE O  
STATUS QUO**

Tony Fry



# DESIGN EM CONTEXTOS SOCIAIS

Segundo Bomfim (1998, p.9, apud BRAGA, 2011, p.11), a palavra design originou-se do latim designare e significa desenvolver, conceber ideias, mas com o tempo e o processo de industrialização na Inglaterra no século XVIII, o termo passou a receber um significado atrelado à produção e comercialização de produtos industrializados, processo que impactou a forma como enxergamos a função e o papel do design na sociedade, que vem sempre associado ao mercado que se utiliza desse caráter de inovação e construção de significados para fortalecer a comunicação de marcas, empresas e produtos.

Com essa apropriação na publicidade, o design passou a ser visto muito atrelado ao consumismo, a manipulação e a futilidade, como se fosse um acessório adicionado às coisas para torná-las mais caras, mais refinadas e mais vendáveis. Victor Papanek ousa dizer que “há profissões mais danosas que o design industrial, porém somente muito poucas.” (1972, p.14, apud LIMA, Edna e MARTINS, Bianca, 2011, p.126)<sup>1</sup>

Apesar disso, não existe apenas este meio possível de atuação dentro da área. Por que não utilizar todo esse potencial de criação, significação e inovação para construir um design socialmente engajado? Fugindo a essa lógica mercadológica, que visa apenas a venda de produtos e serviços, temos uma categoria que se preocupa mais com o resultado social que o design é capaz de trazer, sendo utilizado, portanto, como ferramenta de questionamento e mobilização social, auxiliando na difusão de ideais de movimen-

tos em prol de melhorias. Porém, esse questionamento da responsabilidade social do design se faz mais presente nas discussões acadêmicas e se mantém muito concentrada no design de produtos, sendo necessário um esforço para que ela seja mais vista no design gráfico também.

Um dos motivos para esse distanciamento das ações sociais acontecer, segundo Katherine McCoy (2003), é que, com essa apropriação e dominação do mercado, criou-se um sentimento de impossibilidade de atuar em outras áreas, gerando certa censura com sentimento de apatia e indiferença. A autora diz “[...] Nós criamos uma profissão que acha que preocupações políticas ou sociais são estranhas ao nosso trabalho ou inapropriadas a ele.” (ibid., p.3). E é necessário ter em mente que tudo é político e “Todo design serve ou subverte o status quo” (Tony Fry, 2007, p.88, apud PATER, 2016, p.02), ou seja, é impossível desassociar nossas produções de valores sociais e culturais, estereótipos e opressões, então quando nos mantemos nessa posição de neutralidade, deixamos o espaço livre para que elas aconteçam naturalmente.

Inclusive, além de não conseguir se desvencilhar dos padrões da sociedade, o design é uma ferramenta que contribui para essa construção, visto que, segundo Geertz (1973, p.05), cultura é uma teia de significados que a própria sociedade constrói e o trabalho do designer é justamente criar significados, ressignificar coisas, sejam objetos físicos ou imagens. Sabendo disso, é preciso que se construa e estimule essa reflexão do nosso papel na

sociedade e, além disso, proponha e promova formas de atuar concreta e ativamente.

Sendo assim, se o foco do design gráfico é a comunicação e ajudar a construir significados para coisas, então é preciso que se expanda a forma como vemos o seu próprio significado, pensar a comunicação muito além de uma boa diagramação, uma fonte bem escolhida e cores harmônicas, é preciso ultrapassar o domínio técnico e essas propriedades gráficas, para pensarmos nos resultados, como está chegando nas pessoas, como é absorvida, o que queremos passar e qual mudança queremos. O objetivo principal dessa área de atuação do design voltado para o social é trabalhar com mensagens de denúncia e crítica, buscando auxiliar no processo de mudança estrutural da sociedade em diversos aspectos.

**“[...] para ser ecologicamente responsável e socialmente responsivo, deve ser revolucionário e radical (voltando às raízes) no sentido mais verdadeiro.”**  
(PAPANEK, 1971, p.343)

<sup>1</sup>As primeiras citações de mulheres virão com seu primeiro e último nome como forma de dar visibilidade para estas dentro do campo acadêmico.



# CARTAZ POLÍTICO

Apesar de não serem tão difundidas, as possibilidades de atuação do design gráfico no âmbito social e político são amplas e uma das formas em que ele mais se destaca e que vem trazendo grandes resultados ao longo da história é a criação e uso de cartazes de protesto. Sabemos que a origem dessa mídia gráfica é bem antiga, mas seu uso como parte da luta social e política é datado do século XVIII, na Revolução Francesa (MELLO, 2012, p.244) e perceberemos grandes diferenças entre essa forma de utilização com os cartazes comerciais. Este é “fruto da economia capitalista, com sua necessidade de induzir as pessoas a gastar mais em bens não essenciais e espetáculos” (SONTAG, 2010, p. 216 apud SILVA, Rubens e VENEROSO, Maria, 2016, p.610 ) enquanto aquele tem o objetivo de conscientização e educação, mostrando problemas políticos, econômicos e sociais e buscando promover uma mudança desses aspectos a partir da mobilização da população.

Na história podemos observar como ele teve forte utilização em momentos de grandes conturbações políticas como nas primeiras décadas do século XX com as Grandes Guerras, a Revolução Russa, o fascismo e nazismo. Neste período o cartaz foi um importante meio de comunicação política utilizado tanto pelos governos como forma de persuadir e atrair a população a seu favor quanto pela oposição e movimentos sociais como instrumento para contra atacar. Segundo Chico Homem de Mello, o cartaz é a mídia impressa que mais tem afinidade com a militância política, pois geralmente tem um tamanho proporcional ao corpo, o que facilita a visibilidade e está nas ruas onde a revolução acontece, onde o povo está e onde o design tem que ir também.

Mas as possibilidades de criação e reprodução dos cartazes são amplas e não ficam restritas aos profissionais da área criativa. Assim como existem diferenças entre os cartazes comerciais e os políticos, existem especificidades dentro deste também. É evidente a importância do papel do design gráfico na militância e a necessidade de que mais designers estejam presentes nestes espaços, mas nem sempre esses materiais são produzidos por profissionais e em alguns casos não é possível utilizá-lo em sua forma mais potente, ocupando as ruas, mas é indispensável que também tenhamos participação em outros espaços e diferentes formas de reprodução para que a mensagem chegue a mais pessoas.

Levando essa diversidade em consideração, de acordo com (SILVA e VENEROSO, 2016, p.611), **é possível dividir o cartaz em quatro diferentes grupos** a partir das técnicas utilizadas na produção e os meios de circulação. Apesar de haver características específicas que são mais apropriadas para diferentes necessidades, todos são de extrema importância para o contexto político. Quando se trata de uma movimentação popular, de oprimidos, é preciso unir todas as forças aliadas que tivermos e nisso conseguimos explorar essas diferentes categorias de cartazes.





## 1. Cartaz itinerante

É usado no ato de uma manifestação servindo como uma extensão do corpo dos manifestantes, amplificando a sua voz, o objetivo é despertar a consciência política e a revolução. São produzidos de forma artesanal, com maior utilização de recursos textuais e poucos símbolos gráficos, possuem versões únicas, simples e feitas a mão, sem muita preocupação estética e planejamento, devida a necessidade de produção rápida em resposta a um acontecimento ardente. Forte caráter vernacular.

[...] o cartaz adotou como principais ferramentas o pincel, canetão, estêncil e marcador; e como elementos chave as letras e os símbolos. Tratando-se de uma forma de expressão democrática, onde qualquer indivíduo com ímpeto de manifestar sua insatisfação pode registrar suas palavras de forma direta, temos um resultado onde "A irregularidade das formas tipográficas feitas e desenhadas à mão pode ser particularmente eficaz na condução de [...] revolta e espontaneidade. (SALTZ, 2010, p. 22 apud SILVA, Olívia, 2018, p.6)

Os cartazes feitos a mão tem muito mais visão em um protesto, são mais marcantes e geram retratos mais fortes, justamente pelo fato de que pessoas sem, necessariamente, conhecimento estético dedicaram um tempo para produzir aquilo e que colocaram toda sua fúria, tristeza, descontentamento, esperança. Isso faz com que esses materiais se destaquem em comparação àqueles feitos planejadamente, com um rigor estético.



Fig. 1 e 2: Manifestação organizada pela Coordenadora Feminista para pedir anistia para crimes de mulheres com o slogan "Todo mundo em casa no Natal", Pilar Aymerich

Fonte: Museu Reina Sofia



## 2. Lambe-lambe

Podem ter tamanhos variados, serem feitos a mão ou impressos. Possuem um propósito ativista e subversivo, com um aspecto mais artístico, mas ainda assim de fácil reprodução e possibilidade de grande repetição o que faz com que as pessoas se familiarizem com a mensagem mais facilmente e aumenta a chance de reflexão sobre ela, visto que como são colados nos espaços urbanos, as ideias reverberam pelas ruas mesmo findado o movimento.



Fig. 3: Cartaz "Saia da sombra, diga conosco: Liberdade" do Movimento Feminino pela Anistia no Brasil, 1975. Fonte: Os cartazes desta história

## 3. Cartaz profissional



Fig. 4: Mulheres na política, Paula Cruz. Fonte: Behance

Produzidos por designers e artistas que usam seus conhecimentos e técnicas para produzir materiais gráficos que auxiliem na resistência e manifestação do povo, o que auxilia a trazer as pautas sociais para dentro da profissão. Geralmente são disponibilizados gratuitamente e em alta resolução na internet para serem impressos e distribuídos em todo o país.

## 4. Cartaz digital

Como o nome diz, são produções que circulam no meio digital como forma de manifestar opiniões particulares publicamente ou contribuir para a divulgação de atos e ações políticas, alguns acabam tendo efeito viral na internet e alcançando um grande número de pessoas. Em momentos como o da pandemia da Covid-19 em que o isolamento social tem sido de extrema necessidade, este tipo de criação foi muito utilizada.



Fig. 5: Maria Angélica Castanho, Fonte: Instagram do Design Ativista



# O POVO ESCREVE A HISTÓRIA NAS PAREDES

Não existem linotipos?  
Não existem rotativas?  
Que importa, meu companheiro?  
Há sempre uma mão ativa  
Pegando um giz ou pincel.  
E há muros pela cidade  
Se nos negarem papel.  
(...)

Mário Lago



# IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NOS CARTAZES

A escrita é um artefato muito importante para toda sociedade, capaz de conectar conceitos, através da representação visual da linguagem verbal e com isso colaborar para a construção da cultura e identidade ao mesmo tempo que sofre influência da mesma.

"As características da linguagem escrita são sempre moldadas por variáveis sociais, econômicas, educacionais ou tecnológicas, de acordo com determinada sociedade, linguagem ou tempo." (Walker, 2001, p. 10 apud FINIZOLA, Fátima, 2010, p.54)

Dentro do design ativista, a escrita e o desenho de letras assume um papel primordial, pois além de transmitir a mensagem de forma concreta, também carregam significados, símbolos e representações da cultura e do cenário político e falam muito sobre quem as desenhou e de seu público alvo. A linguagem gráfica verbal dá voz às ideias, ela é quem materializa nossos pensamentos, o que registra a voz da resistência, por isso precisamos reconhecer que ela significa mais do que letras e que

todas as representações, incluindo as fontes e superfícies tipográficas apresentam-se como

um assunto complexo, obrigando-nos a compreender que a linguagem tipográfica não é apenas um conjunto de formas que comunicam por direito próprio. Em vez disso, são construções moldadas por uma rede de códigos e convenções culturais que estão sempre de acordo com os sistemas de crença que dominam essa cultura em geral. Essas construções permitem que as ideologias se infiltrem na vida cotidiana e, com o tempo e a repetição, passam a ser percebidas como naturais, quase se transformando em configurações padrão. Nesse sentido, intervir nesse sutil processo de naturalização torna-se um ato importante para resistir a ser disciplinado por uma ideologia particular e manter nossos espaços autônomos e criativos. (OZKAL, Ozlem, 2017, p.138. Tradução da autora)

A linguagem gráfica verbal está presente no nosso dia a dia o tempo todo, mas dificilmente conseguimos reconhecê-la como uma forma de ativismo. Assim como outras áreas do design, é possível seguir diferentes abordagens e na maioria das vezes a tipografia, o lettering e a caligrafia são empregados para uso comercial. Mas com todo esse potencial de subversão, as letras podem ser usadas também como forma de transmitir mensagens políticas, seja em cartazes e lambe-lambes ou até mesmo servirem como resistência no próprio ambiente urbano, através de manifestações como grafites, pichação, letreiramento popular, entre outros.

Para este trabalho o foco é a utilização deste artefato gráfico em cartazes de protesto estilo lambe-lambe, mas não deixando de lado as referências e potenciais existentes nas outras formas de produção. Ao iniciar a análise sobre como o desenho de letras é empregado neste tipo de mídia gráfica,

precisamos fazer certas categorizações sobre as suas diferentes formas de representação: caligrafia, letreiramento (também conhecido como lettering) e tipografia.

## Tipografia

Começando pela tipografia, Farias (1998, p.11 apud FINIZOLA, 2010, p.39) define o termo como

o conjunto de práticas subjacentes à criação e utilização de símbolos visíveis relacionados aos caracteres ortográficos (letras) e para-ortográficos (tais como números e sinais de pontuação) para fins de reprodução, independentemente do modo como foram criados (à mão livre, por meios mecânicos) ou reproduzidos (impressos em papel, gravados em um documento digital).

Ela tem o objetivo, segundo Niemeyer (2003, p.13, apud ibid, p.40) de "transmitir uma mensagem do modo mais eficaz possível, gerando no leitor destinatário significações pretendidas pelo destinador." Mas essa mensagem nem sempre precisa ser lida, a tipografia carrega a possibilidade de ser funcional ou poética e artística.



Fig. 6: Anatomia dos tipos  
Fonte: Caio Vinícius



## Caligrafia

Diferentemente da tipografia, a caligrafia tem uma característica muito particular, o fato de ser sempre uma produção manual, gestual e espontânea. Farias (2004, p.02 apud ibid, p. 38) a define como "prática manual de desenho de letras a partir de traçados contínuos à mão livre".

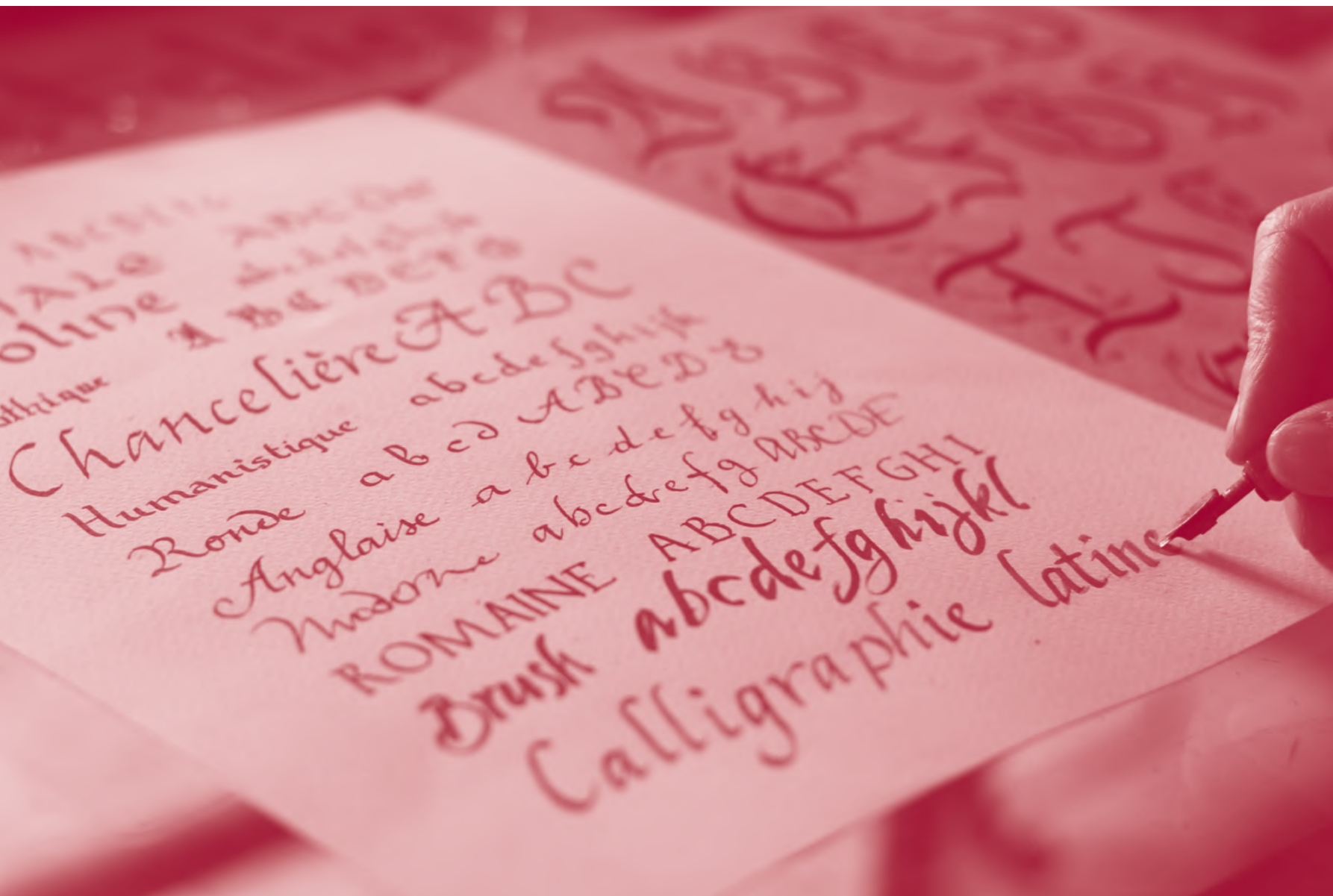


Fig.7: Exemplos de caligrafia, Sylvie Edeline  
Fonte: Unsplash

## Letreiramento

Já o letreiramento pode abranger qualquer tipo de processo de desenho e escrita de letras, seja manual ou digital, trazendo um caráter mais artístico. Gray (1986, p.09 apud ibid, p.37) diz que o

"Lettering é uma subdivisão da escrita. Eu a definiria como a escrita em que a forma visual, representada pelas letras e o modo pelo qual elas são formatadas e combinadas, tem uma formalidade e uma importância acima da legibilidade."



Fig.8: Mirá como nos ponemos, Anto Silvestre  
Fonte: Behance

Mas isso não significa que essas três categorias não possam se misturar, hoje em dia observamos que, principalmente, no âmbito urbano e nas manifestações gráficas populares esses limites se atenuam, em que podemos encontrar por exemplo letreiramentos inspirados em fontes clássicas e fontes digitais com estilo caligráfico. Podemos associar isto ao conceito de **circularidade cultural**, do antropólogo Ginzburg, que o define como "um processo recíproco de constantes trocas e interações entre a cultura oficial e a popular, entre a central e a periférica." (ibid, p.28)

Quando falamos de cartazes de protesto, podemos observar isso acontecer com grande frequência quando estes não são elaborados por profissionais da área criativa que não possuem conhecimento técnico e teórico específico ou até mesmo de forma proposital, visto que, por tratarem de assuntos do interesse popular, trazem essa influência da cultura local aliada com o design formal.



Além dessa característica, os cartazes com temática ativista possuem uma forte tendência de serem construídos a partir do letreiramento. Mesmo quando encontramos criações tipográficas voltadas para o ativismo e a luta social, existe uma forte semelhança com letreiramentos populares, se inspirando em escritas manuais de cartazes itinerantes ou pichações. Como no caso da fonte Carrie da type foundry Vocal Type, focada em projetar tipografias com cunho social, que foi inspirada em cartazes carregados durante a Marcha Sufragista pela Quinta Avenida em Nova York para defender o sufrágio feminino. O ato foi liderado por Carrie Chapman Catt, que deu nome a fonte. Ela foi presidente da National American Woman Suffrage Association e fundadora da Liga de Mulheres Eleitoras e da Aliança Internacional de Mulheres.



Fig.9: Desfile sufragista de Nova York em 1915, Bettmann  
Fonte: Getty Images

WE WOMEN DEMAND  
AN EQUAL VOICE;  
WE SHALL ACCEPT  
NOTHING LESS.

AAA@ BBCC DDD EEFF  
GG HH IJJKK LL  
MMM NN OOO PP  
Q@RR SSS TTUU  
VV WWWXXYYZZ

Fig.10: Specimen Sheet  
da fonte Carrie  
Fonte: Vocal Type



# MOVIMENTO FEMINISTA

Dentre as diversas manifestações e movimentos sociais, este projeto dedica-se a entender como se dá a linguagem gráfica verbal e visual do feminismo, movimento cujo me é muito importante, tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico.

O feminismo é um movimento filosófico, social e político que busca a equidade de direitos entre os gêneros e surge de forma organizada em meados do século XIX, embora já existissem mulheres pautando a falta de direitos em relação aos homens antes disso. Ao longo de todos esses anos houveram algumas mudanças em relação aos motivos principais de luta e quais mulheres são representadas e constroem o movimento, isso dá origem a diferentes vertentes e metodologias de ação que surgiram ao longo do tempo.

Apesar de existirem controvérsias quanto a essa forma de nomear e dividir, é comum vermos uma distinção do movimento em ondas, originadas a partir de momentos de forte agitação e mobilização. Alguns teóricos falam sobre estarmos vivendo hoje o que seria uma quarta onda, mas ainda não existe um consenso quanto a isso, sendo mais frequente a distinção em 3 períodos.

## Primeira onda

O primeiro deles perdurou do fim do século XIX até meados do século XX e as mulheres que o compunham ficaram conhecidas como Sufragistas, devido a sua reivindicação pelo sufrágio (voto), mas, embora tenha sido uma das principais pautas, o movimento não se restringia a isso, os temas de discussão e reivindicações eram diversos, envolvendo o acesso a profissões restritas aos homens, melhorias nas condições de trabalho, acesso à educação com um currículo que não fosse voltado às atividades domésticas, reforma do direito matrimonial, entre outros. Apesar de as protagonistas dos registros e da visibilidade desse período serem mulheres brancas e de classe média, mulheres negras e da classe operária já vinham se organizando e discutindo suas pautas também. Embora da palavra "interseccionalidade" ter tomado conhecimento e ter sido introduzida no movimento recentemente, podemos identificá-la no pensamento e ações de algumas feministas da época, como no caso de Sojourner Truth, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher conhecida pelo seu discurso "Não sou eu uma mulher?" em que

[...] expunha o viés de classe e o racismo do novo movimento de mulheres. Nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Sojourner Truth era negra – uma ex-escrava –, mas não era menos mulher do que qualquer uma de suas irmãs brancas na convenção. O fato

de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que a das mulheres brancas de classe média. Em uma convenção nacional de mulheres realizada dois anos depois, ela ainda lutava contra esforços que tentavam impedi-la de falar. (DAVIS, Angela, 2018)



Fig.11: Sojourner Truth  
Fonte: Black  
Women's Suffrage



## Segunda onda

Nos anos que se seguiram o mundo passou por acontecimentos marcantes como as duas grandes guerras que colocaram as mulheres para ocupar espaços e profissões antes dos homens, como bombeiras, mineiras, condutoras de transporte público, mecânicas, metalúrgicas, na produção de alimentos, indústria têxtil e na saúde. Após o término dos conflitos, alguns direitos foram conquistados, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que em 1948 reconheceu a igualdade entre os sexos, assim como a igualdade entre os cônjuges. Mas a maioria das instâncias decisórias seguiam sob controle de homens e existia um movimento que tentava convencer as mulheres, principalmente da classe média branca, a retornarem às suas posições anteriores de esposas submissas.

Foi neste período que se iniciou a construção teórica do movimento, com diversos estudos focados em identificar a origem da opressão feminina, identificada como uma união de fatores culturais e políticos, houve uma explosão de livros e textos feministas ao redor do mundo, um deles muito famoso e de muita importância para a construção do movimento, O segundo sexo de Simone de Beauvoir.

Durante as décadas de 70 e 80, enquanto nos Estados Unidos e Europa as mulheres ressurgiam na cena pública, organizadas em coletivos para pensar em como combater as suas opressões, na América Latina, incluindo o Brasil, o conservadorismo e a violência, assim como a censura se fortaleceram com os regimes ditatoriais que proibiam as organizações e manifestações públicas de acontecerem,

o que fez com que a luta contra a ditadura fosse uma das pautas centrais também do movimento feminista.

Foi na segunda onda, mais precisamente a partir do final da década de 1960 que a arte feminista tomou maior espaço, tomando inspiração nos protestos dos anos 60 e vieram em forma de filmes, músicas, instalações, cartazes, fotografia, entre outros.



Fig.12: Manifestação do Movimento Feminino pela Anistia. Fonte: Ethoscopio

## Terceira onda

Com o avanço de novas tecnologias no início dos anos 1990 foi possível que grupos invisibilizados dentro do feminismo, como as feministas latinas, negras, revolucionárias, proletárias, lésbicas, entre outras, ganhassem a visibilidade que as feministas brancas de classe médias já tinham con-

quistado nas mídias tradicionais, além de permitir que os conceitos teóricos sobre gênero, interseccionalidade, as raízes da opressão, saíssem da academia e alcançassem outros espaços.

É possível perceber uma forte presença de feministas jovens, muitas vezes engajadas nas mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr, YouTube e blogs), que têm sido usadas como meio de mobilização e comunicação, uma forte característica dessa onda. Como exemplo dessa presença nas redes, no ano de 2018 ocorreu uma das maiores manifestações de rua protagonizadas por mulheres no Brasil, resultante de uma mobilização virtual contra a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, o movimento ficou conhecido como #EleNão.



Fig.13: Manifestação #EleNão na Cinelândia. Fonte: BBC News Brasil



A large crowd of people is gathered in a city street at night, participating in a protest or rally. The scene is overlaid with a semi-transparent red filter. Numerous small, stylized red virus-like particles are scattered across the image. In the background, city buildings and streetlights are visible. Some individuals in the crowd are holding up their phones to record, and others are wearing masks. A sign on the right side of the image partially reads "MAGAN... WUK... W...". A person in the foreground is wearing a black t-shirt with the text "WE ARE ABOLITION" and "FGH" visible. The overall atmosphere is one of active participation and public demonstration.

# PARTE PRÁTICA



# ANÁLISES DE CARTAZES FEMINISTAS

## METODOLOGIA

Para entender como o design foi empregado nas produções gráficas no movimento feminista foi feita uma análise focando em cartazes utilizando a metodologia adotada no livro "Tipografia Vernacular Urbana - uma Análise dos Letreiramentos Populares" que observa os **aspectos intrínsecos** que se referem aos elementos que definem a forma particular de cada letra, como a inclinação, a espessura e a largura e **aspectos extrínsecos** que são a maneira como são configuradas as informações em um layout, como o alinhamento, entrelinhas, espaços de diagramação, cor e malha construtiva. Dentro dos aspectos intrínsecos então, adotei os atributos definidos por Dixon (apud Finizola, 2002): construção, forma, proporção, modulação, peso, serifas/terminais, caracteres-chave e decoração. A seguir detalharei um pouco cada aspecto antes de entrar na análise em si.

## Aspectos Intrínsecos

**Construção:** são 5 tipos de construção formais. A contínua, quando não há pontos evidentes de transição entre as hastes; descontínua, quando há a presença desses pontos de forma enfática ou a ruptura de conexão como em letras góticas e de estêncil; modular, composta pela repetição de um módulo idêntico; amorfa, quando as curvas, hastes e partes do caractere são desiguais; e aquelas letras que são construídas a partir da referência de uma ferramenta manual, como pincel ou caneta.



Fig.14: Tipos de construção.  
Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Forma:** formato das hastes, retos, curvos, ou a união dos dois.



Fig.15: Aspectos formais: tratamento das curvas e formato das hastes.  
Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Proporção:** relação das partes - largura, altura-x, altura ascendente e descendente - dos caracteres proporcionando ordem e ritmo à fonte.



Fig.16: Elementos que influem na proporção dos tipos: largura e relação da altura-x versus linha da caixa alta.  
Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Modulação:** presença ou não de contraste e inclinação na espessura entre as hastes da letra.



Fig.17: Diferentes graus de contraste: nenhum, médio, alto e exagerado; e diferenças de inclinação de eixo: ausente, vertical e oblíqua.  
Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares



**Peso:** espessura das hastes, como nas variações de fontes light, regular, bold, semibold, extrabold, etc.



Fig.18: Variações de peso: light, regular e bold.

Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Serifa/Terminal:** as serifa são pequenos traços acrescentados ao final das hastes, traves ou barras de uma letra e os terminais são a continuação final de uma haste, podendo ter diferentes formas.



Fig.19: Variações de serifa e terminais inferiores e superiores.

Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Caracteres-chave:** características peculiares em certas letras que facilitam sua identificação perante outras.



Fig.20: Alguns caracteres-chave úteis na distinção de fontes tipográficas.

Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

**Decoração:** utilização de recursos ornamentais como sombra, contornos, hachuras, etc.



Fig.21: Alguns recursos ornamentais: contorno, 3D, textura, decoração interna.

Fonte: Tipografia Vernacular Urbana - Uma análise dos letreiramentos populares

## Aspectos Extrínsecos

**Uso de cor:** quantidade de cores utilizadas.

**Alinhamento:** justificado, centralizado, à esquerda ou à direita.

**Disposição das letras:** horizontal, vertical ou diagonal; linear ou curvilínea; regular ou irregular.

**Uso de elementos pictóricos:** se utilizam elementos como símbolos para dar apoio ao texto.

## Sobre a análise

Levando em consideração a metodologia estudada, foram realizadas **64 análises** de cartazes itinerantes, lambe-lambes e tipografias desenvolvidas para movimentos sociais. As produções são de anos diferentes para poder ter um panorama geral do cenário ao longo do tempo e perceber as mudanças e padrões que se mantiveram, mas sempre mantendo foco no movimento Feminista.

A seguir mostrarei todos os materiais para no fim apresentar os resultados.



# CHICAGO WOMEN'S GRAPHIC COLLECTIVE

O CWLU (1969 - 1976) foi o mais significativo dos sindicatos de mulheres socialistas feministas estabelecido durante a "Segunda Onda" do movimento feminista. O coletivo foi formado em 1969 e desempenhou um papel de liderança no movimento de libertação das mulheres em Chicago durante os anos 70. O CWLU reconhecia que a libertação de mulheres não seria possível a menos que também lutava contra o racismo e capitalismo, e para libertação de gays e lésbicas. O Coletivo Gráfico era um projeto dentro do CWLU que consistia na criação conjunta de cartazes de protesto.



Fig.22: Algumas das integrantes do coletivo  
Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



Fig.23: Sisterhood is Blooming  
Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



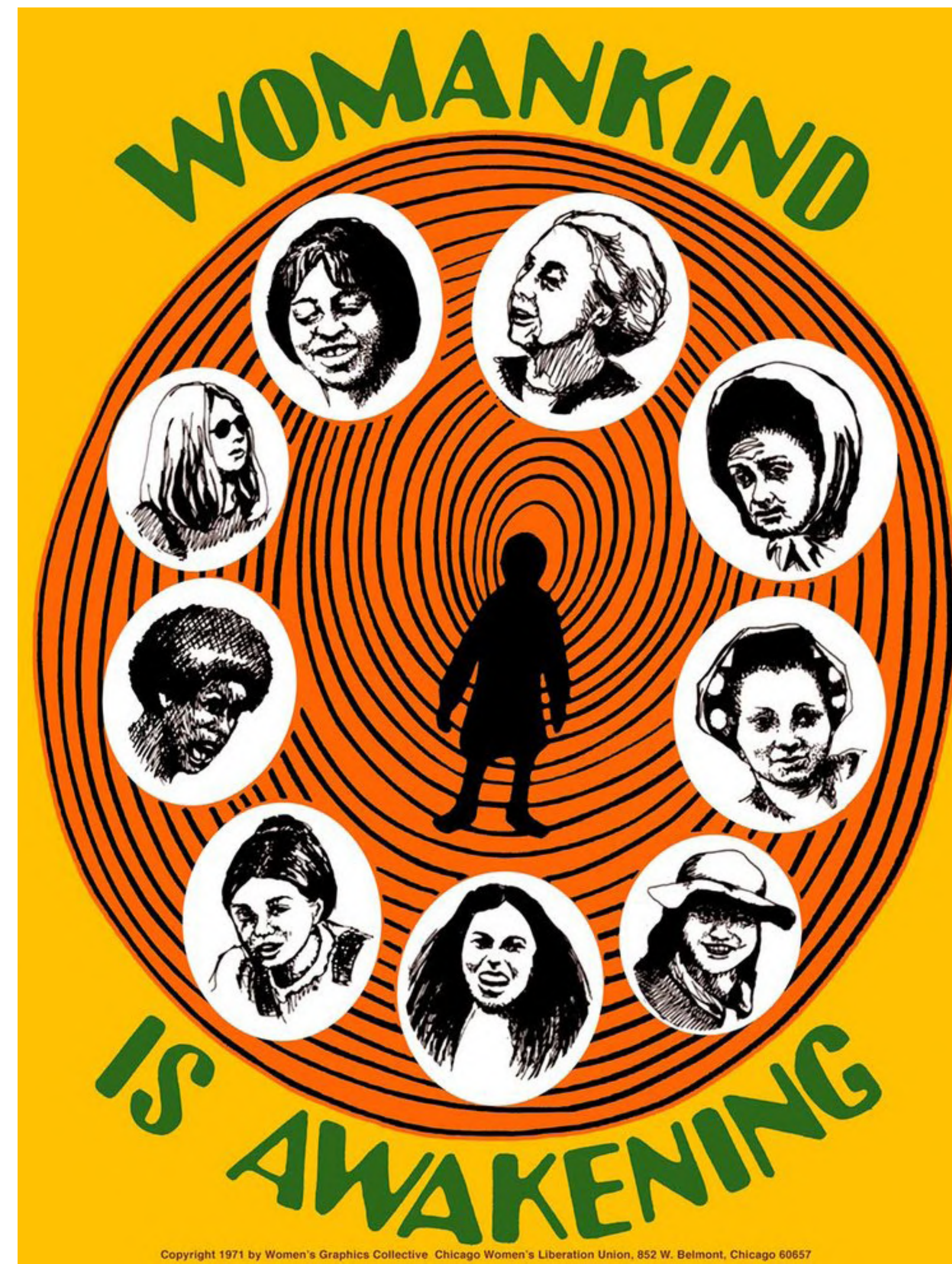


Fig.24: Don't call me girl!  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



Fig.25: Chicago Maternity Center  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

Fig.26: Womankind is Awakening  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



"Se você olhar para nossos pôsteres, raramente verá o nome de uma pessoa neles, porque decidimos que a arte moderna foi feita de maneira errada pelos homens. Baseava-se no egoísmo e no culto ao indivíduo - a síndrome dos "grandes homens de arte". Então decidimos jogar tudo isso fora, e a arte agora tinha que ser uma experiência coletiva. Então cada pôster que criamos tinha que ser feito por um comitê. Todos.

Tínhamos um sistema onde qualquer membra do Coletivo pegava uma área temática ou uma ideia, ou uma frase ou uma imagem e decidia fazer um pôster. Elas pediram a duas ou três membras do coletivo para serem suas assistentes e ajudarem a desenvolver a ideia. E então, em pequenas equipes, elas criavam fisicamente o pôster em serigrafia."



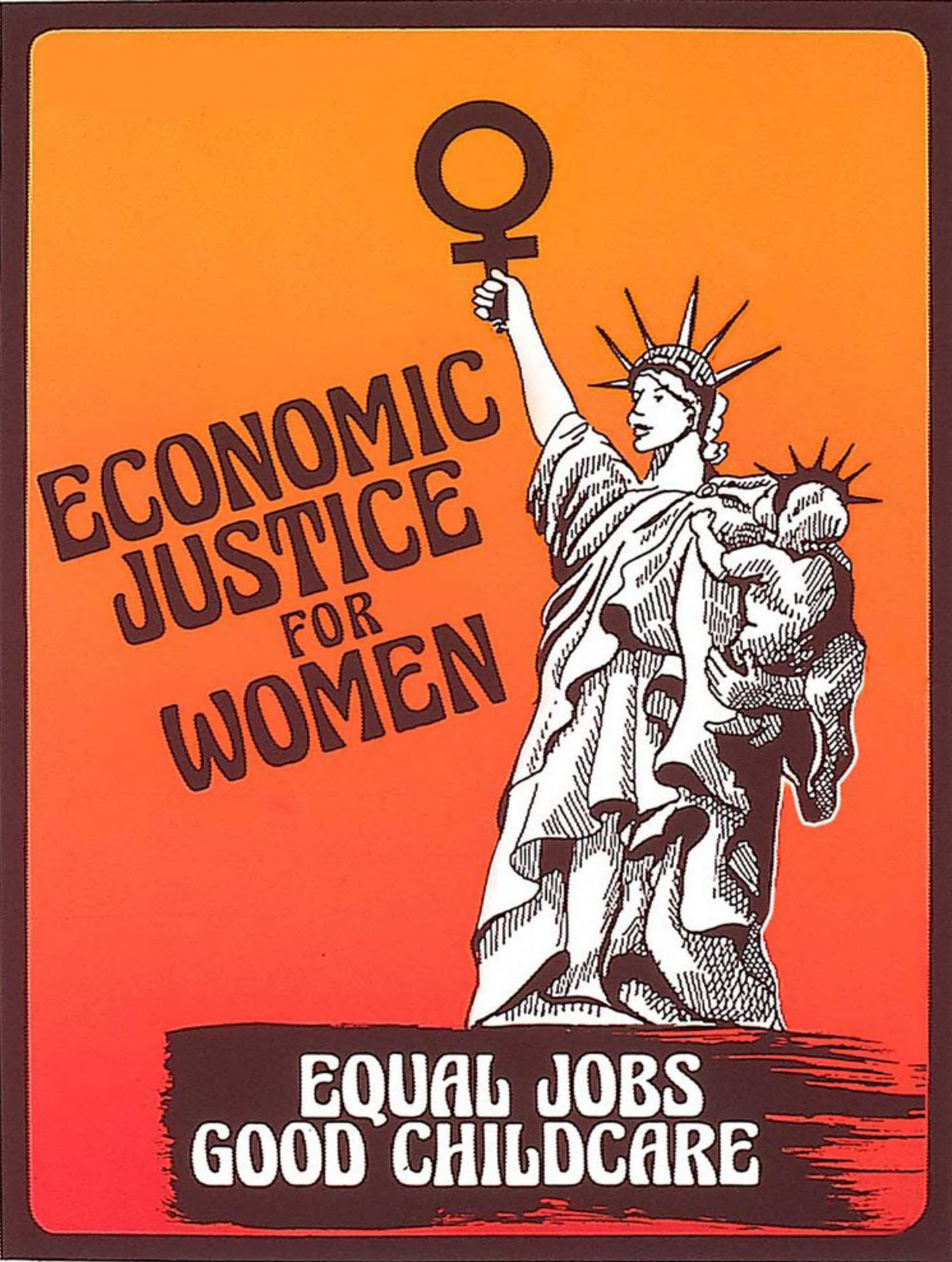


Fig.27: Economic Justice for Women  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

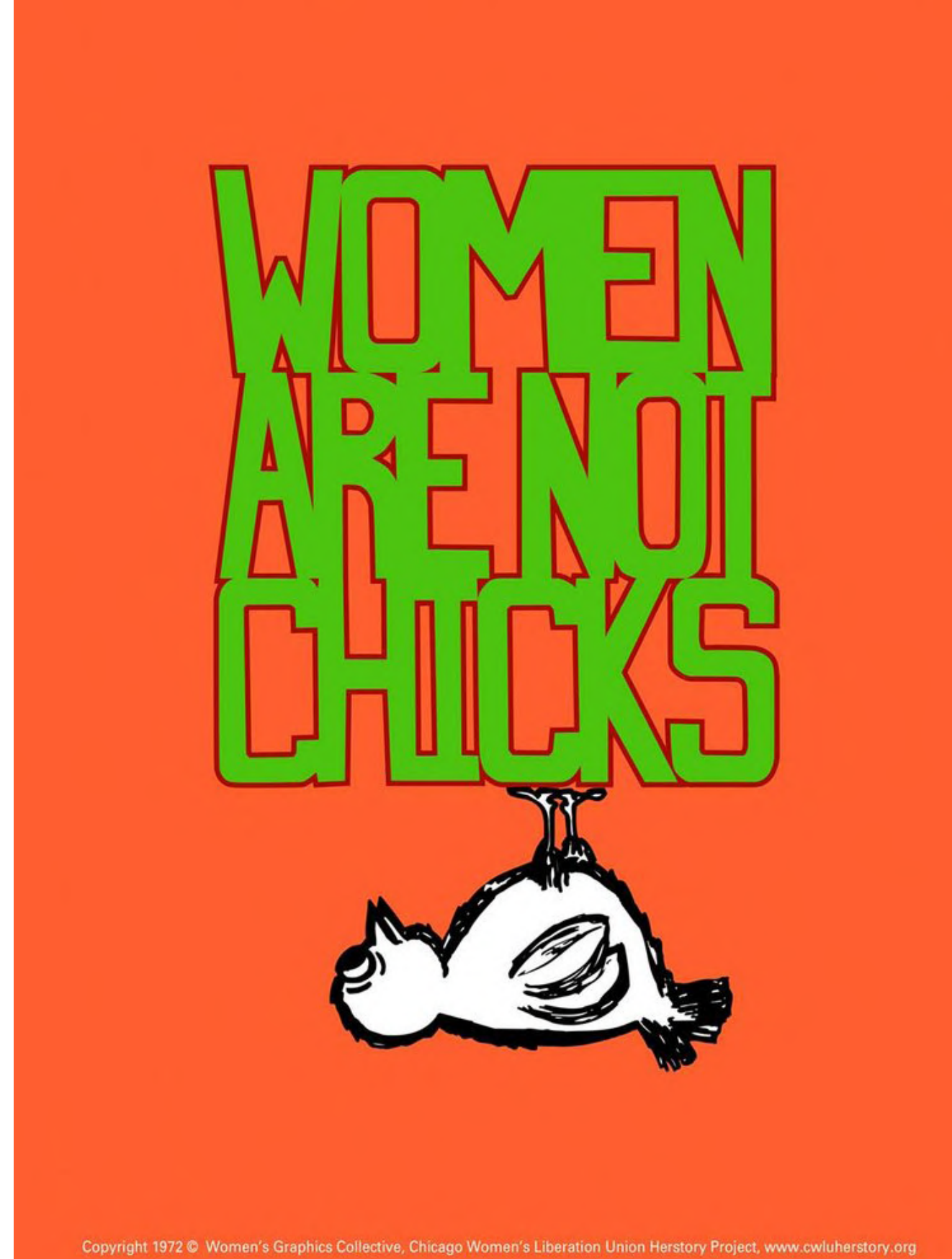
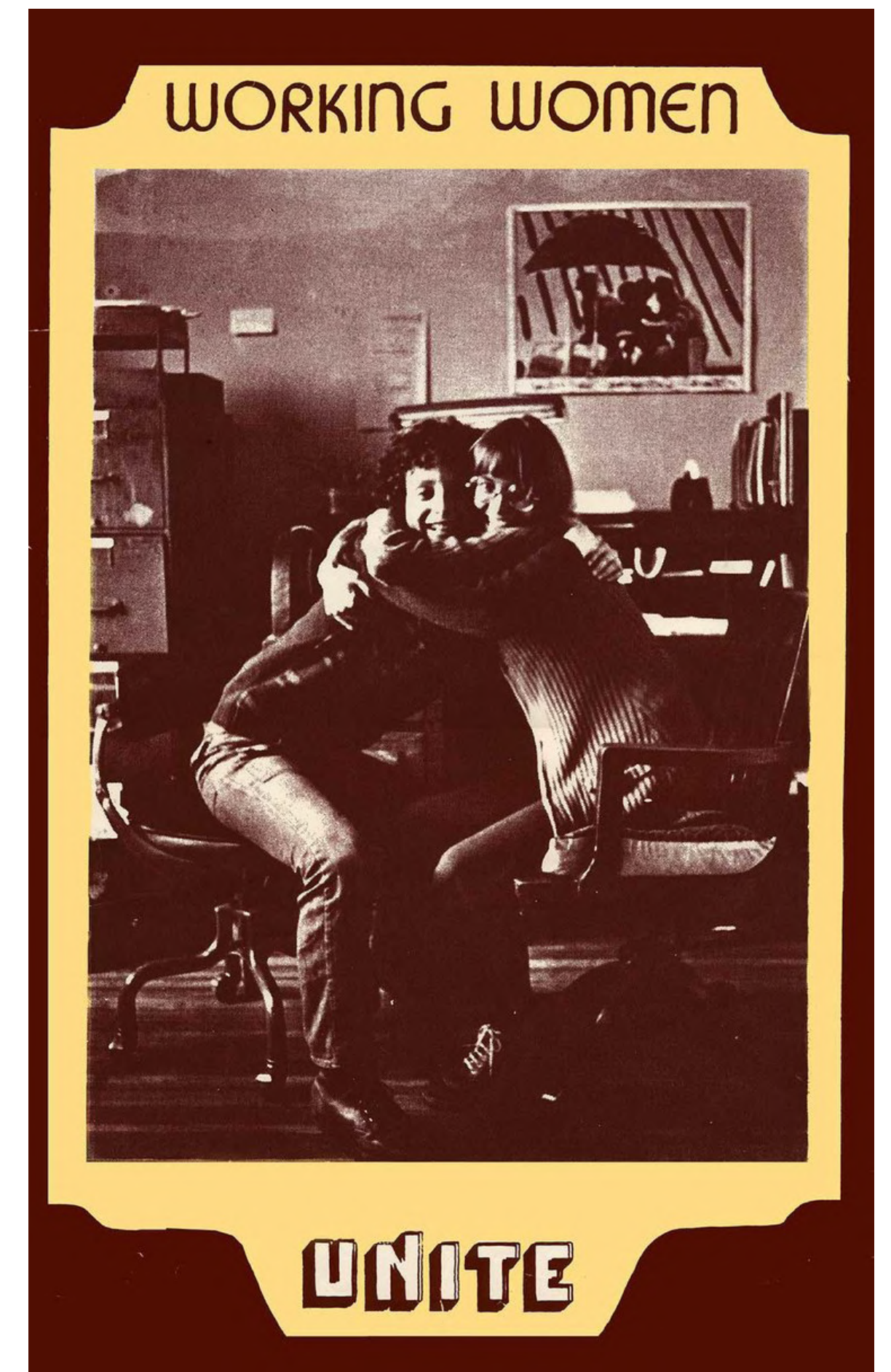


Fig.28: Women Are Not Chicks  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



Fig. 29: Lesbian Pride  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union Herstory Project

Fig.30: Working Women Unite  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project





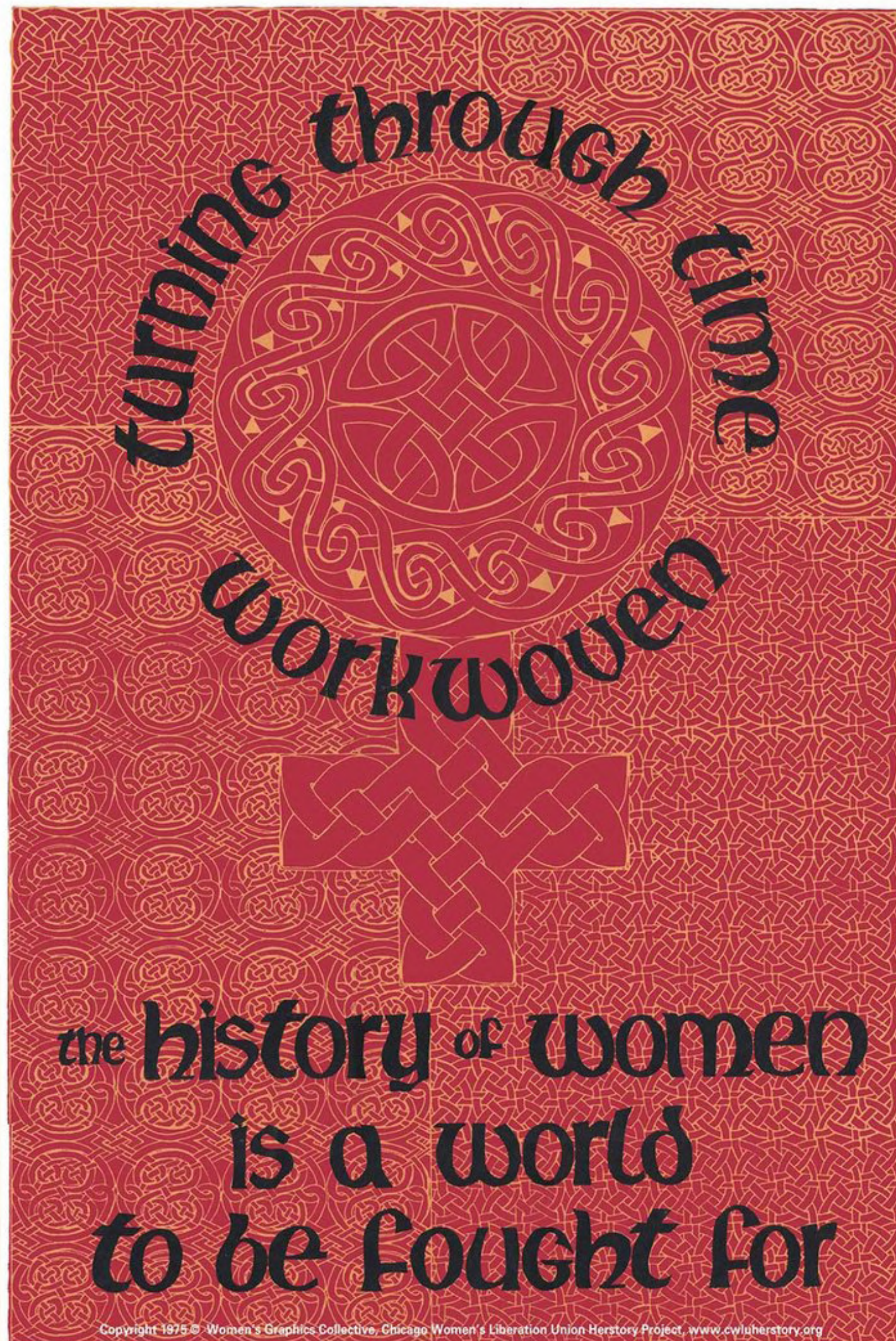


Fig.31: Turning Through Time, Workwomen  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

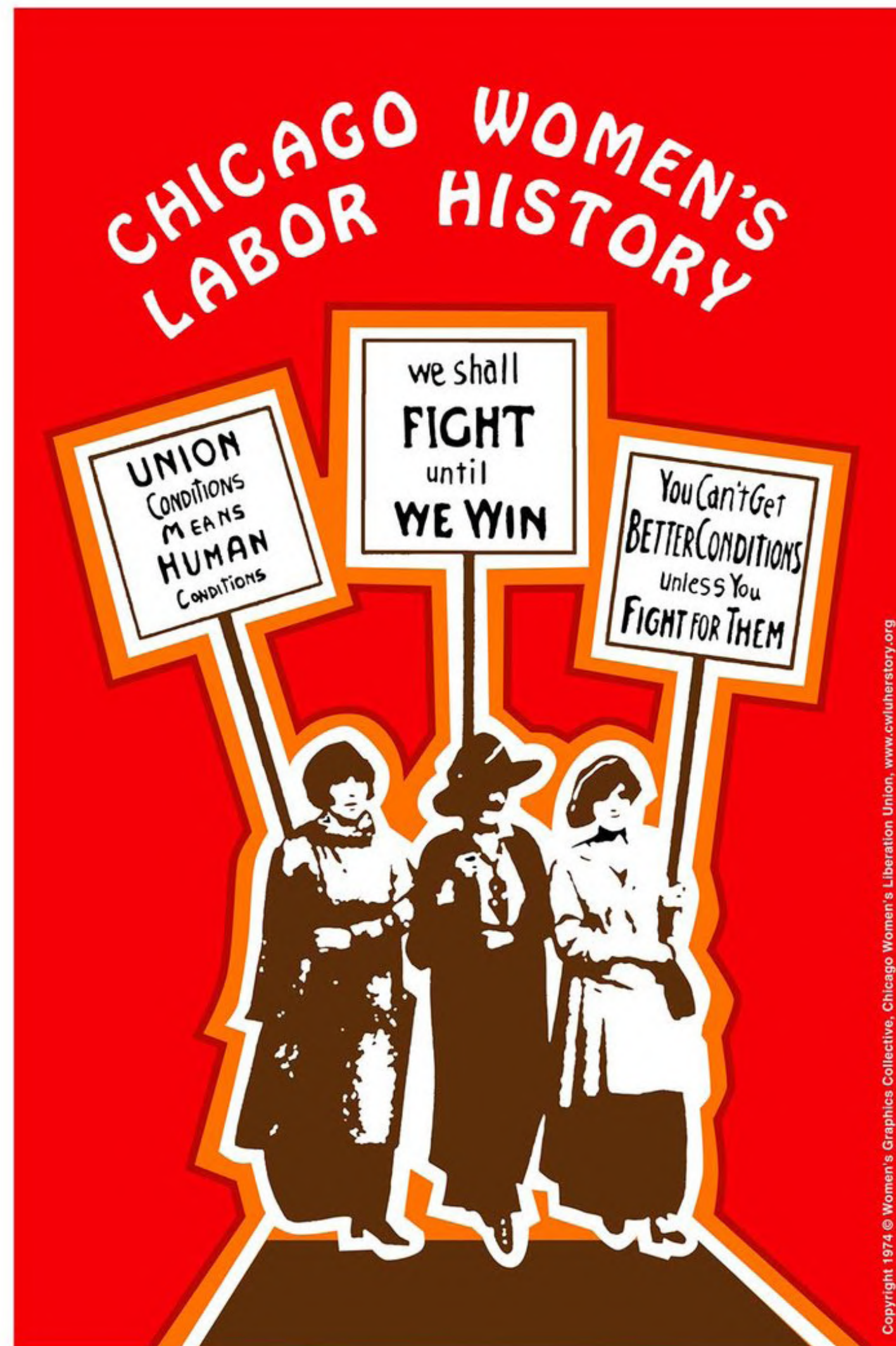


Fig.32: Chicago Women Labor History  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

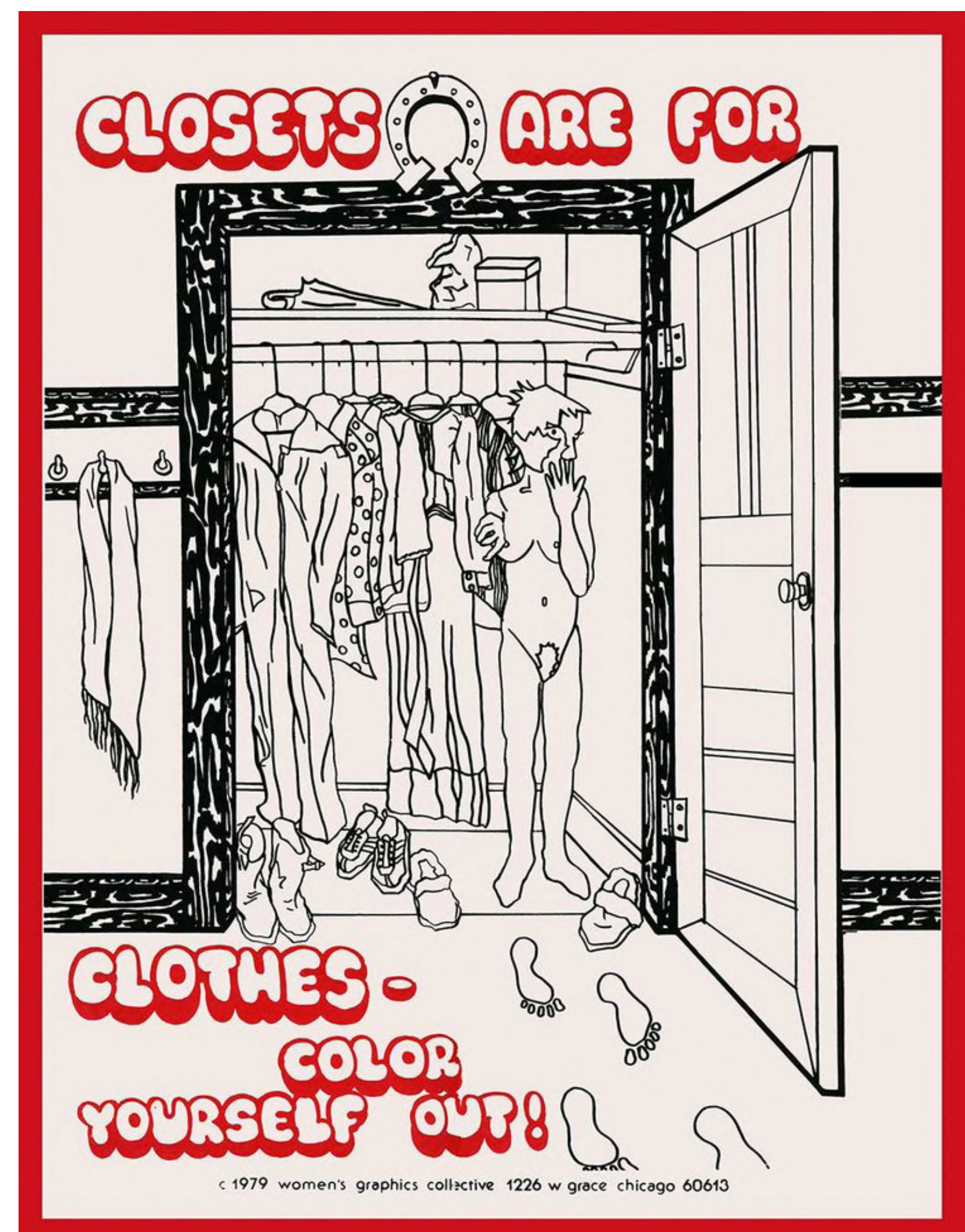


Fig.33: Closets Are for Clothes  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project





Fig.34: Mary Daly  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

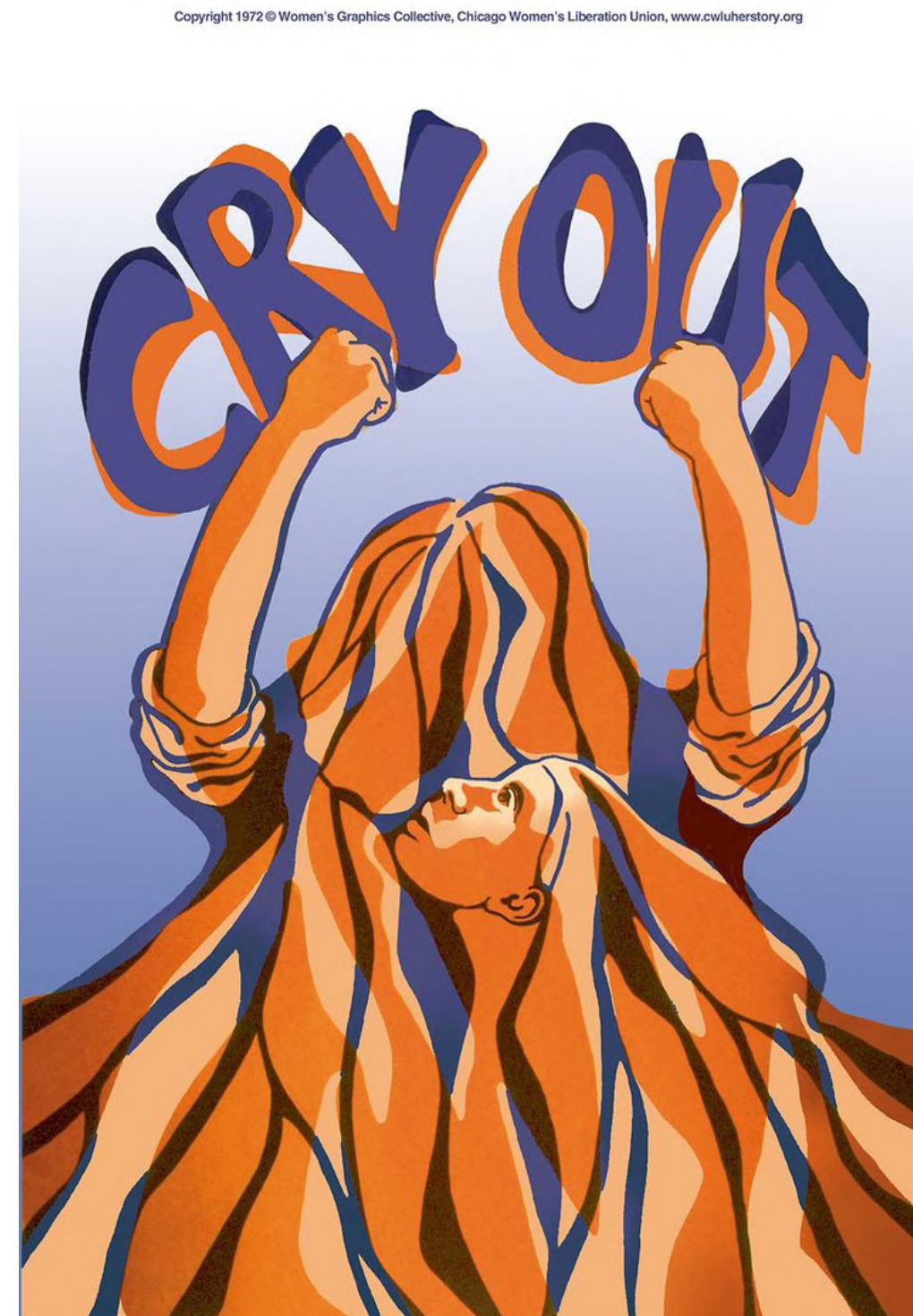


Fig.35: Cry Out  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

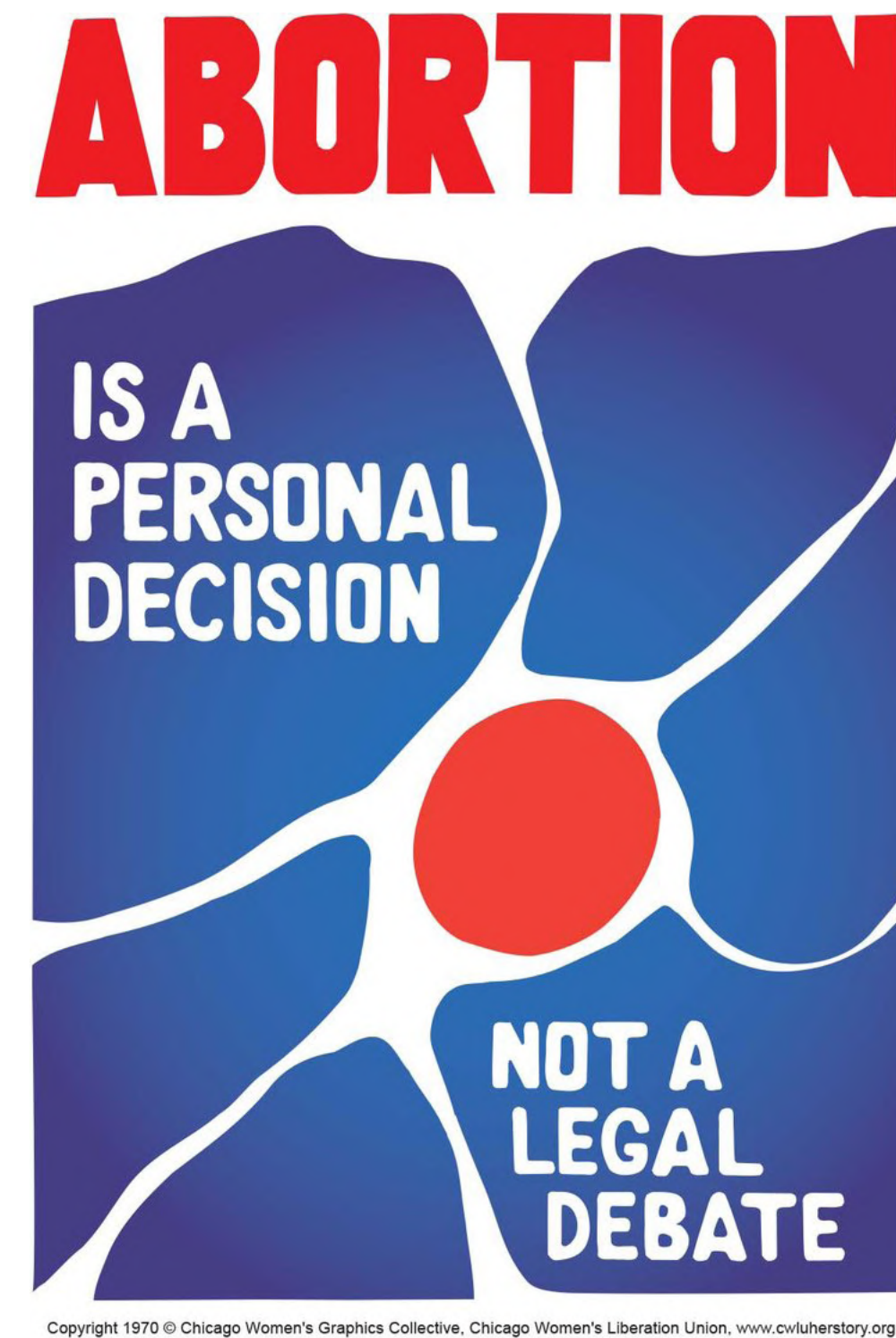


Fig.36: Abortion is a personal decision, not a legal debate  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project

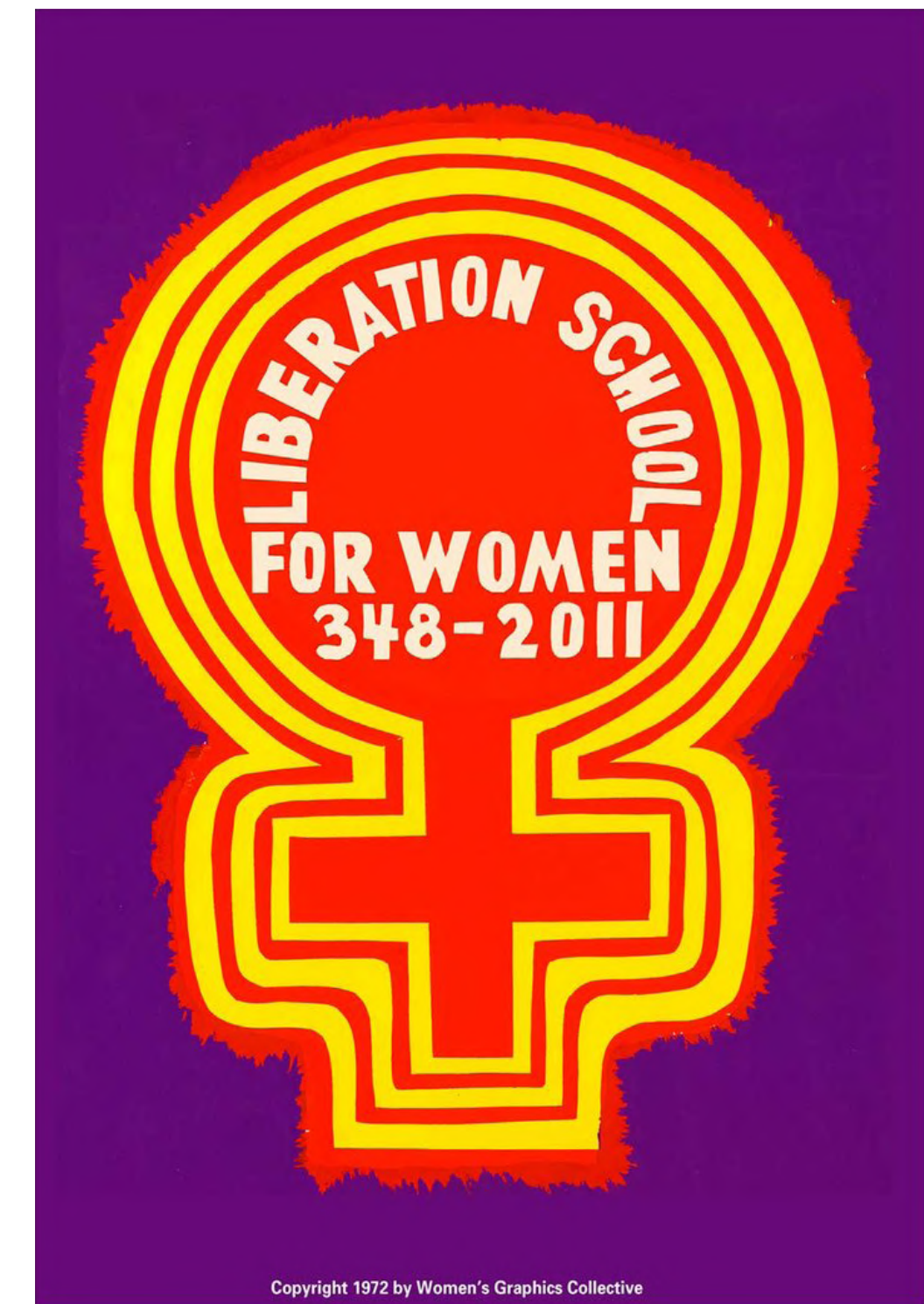


Fig.37: Liberation School  
 Fonte: Chicago Women's Liberation Union - Herstory Project



# EL FANTASMA DE HEREDIA

El Fantasma de Heredia é um estúdio de design com 29 anos de história, **dedicado exclusivamente às questões sociais e culturais**, dirigido por Anabella Salem (1968) e Gabriel Mateu (1962). Além do trabalho diário, eles ministram palestras e realizam workshops locais e no exterior.



Fig.38: Anabella Salem e Gabriel Mateu  
Fonte: Tribuna Complutense



Fig.39: Picante parlante  
Fonte: Flickr do El Fantasma de Heridia

Organizaciones de mujeres de todo el mundo participan cada 28 de mayo en actividades relacionadas con el Día Internacional de Acción por la Salud de la Mujer, decisión adoptada en el V Encuentro Internacional sobre la Salud de la Mujer, en Costa Rica, 1987.

El objetivo es influir en los niveles de decisión política y promover cambios que garanticen la salud de las mujeres.

Desde ese entonces y hasta ahora, el tema fundamental es la mortalidad materna, que, según la Organización Mundial de la Salud, es la más profunda diferencia entre los países desarrollados y aquellos en desarrollo.

Otros temas de importancia -todos vinculados a los derechos humanos- son la salud sexual y reproductiva, y la violencia doméstica. En Argentina, aun en 2015, no está legalizado el aborto.

POR LA SALUD DE LAS MUJERES

Extracto de Amarc Alc  
Cara y Señal Año 2 N° 3  
2005-2015  
Género y Comunicación  
Comunitaria

EL FANTASMA DE HEREDIA 2014

Fig.40: La salud de las mujeres  
Fonte: Flickr do El Fantasma de Heridia



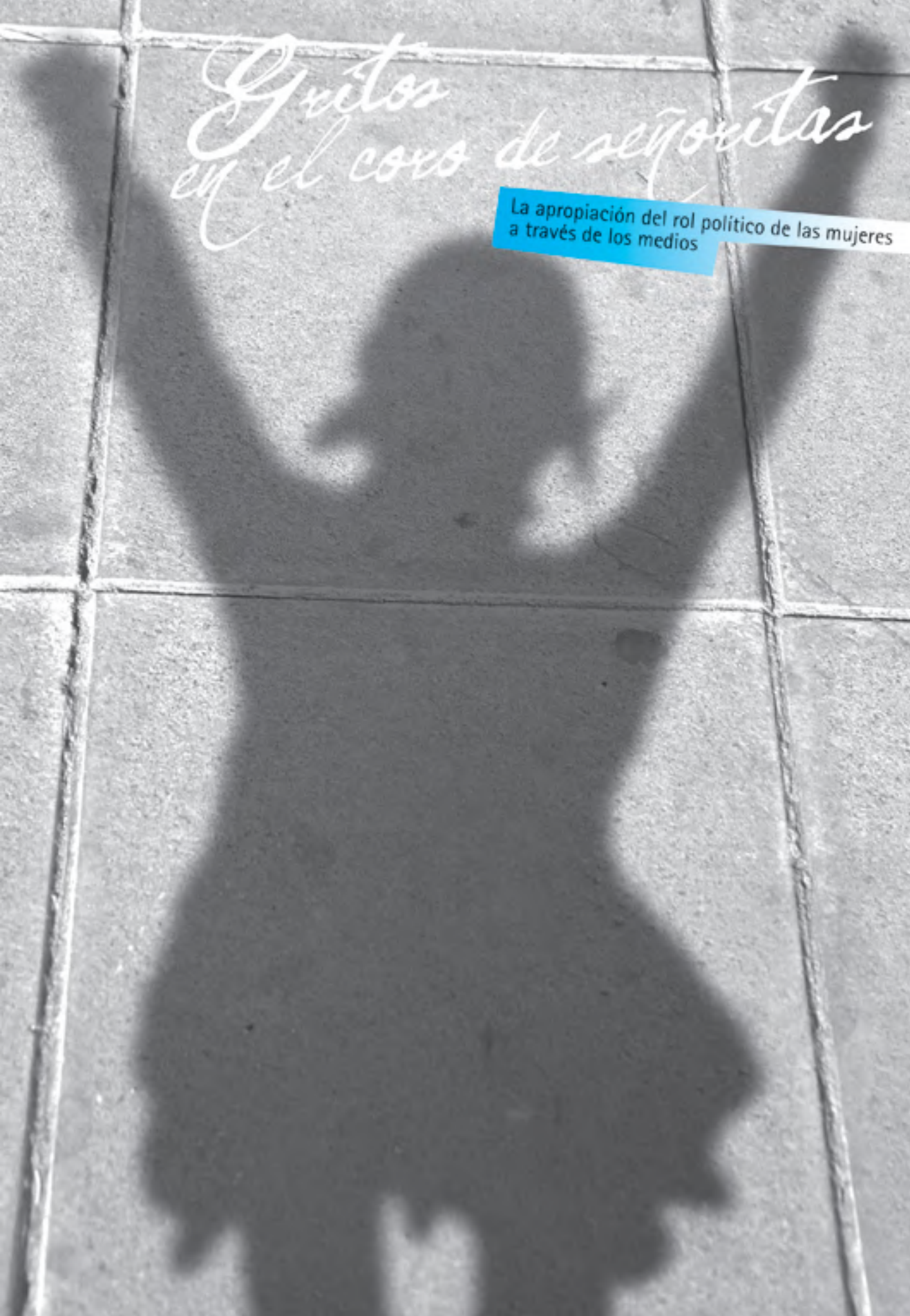


Fig.41: Gritos en el coro de señoritas  
Fonte: Flickr do El Fantasma de Heridia



Fig.42: Los derechos de las mujeres necesitan hombres  
Fonte: Flickr do El Fantasma de Heridia

Fig.43: mirror  
Fonte: Flickr do El Fantasma de Heridia





# SEE RED WOMEN'S WORKSHOP

See Red Women's Workshop foi fundada por três ex-estudantes de arte em 1974 que se conheceram através de um anúncio colocado na Red Rag – uma revista feminista radical – pedindo às mulheres interessadas em formar um grupo para olhar e combater as imagens negativas das mulheres na publicidade e na mídia. A See Red surgiu desse encontro e um coletivo foi formado produzindo cartazes serigrafados para o movimento de libertação das mulheres, bem como para grupos comunitários e outros a pedido. Algumas integrantes mantêm atividades até hoje, dando palestras e exposições, mantendo o site atualizado e até escreveram um livro sobre a história do workshop.



Fig.44: Integrantes do See Red e do Women in Print  
Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.45: Girls are Powerful  
Fonte: See Red Women's Workshop



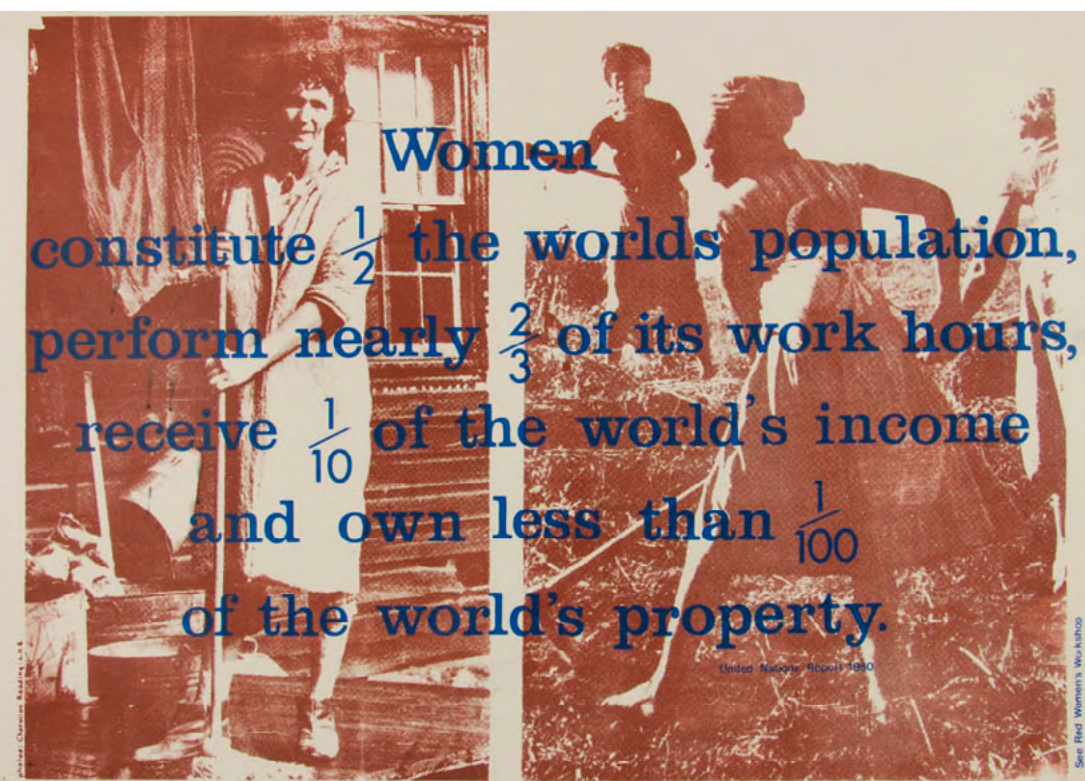


Fig.46: One Tenth  
 Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.47: Awomans Work  
 Fonte: See Red Women's Workshop

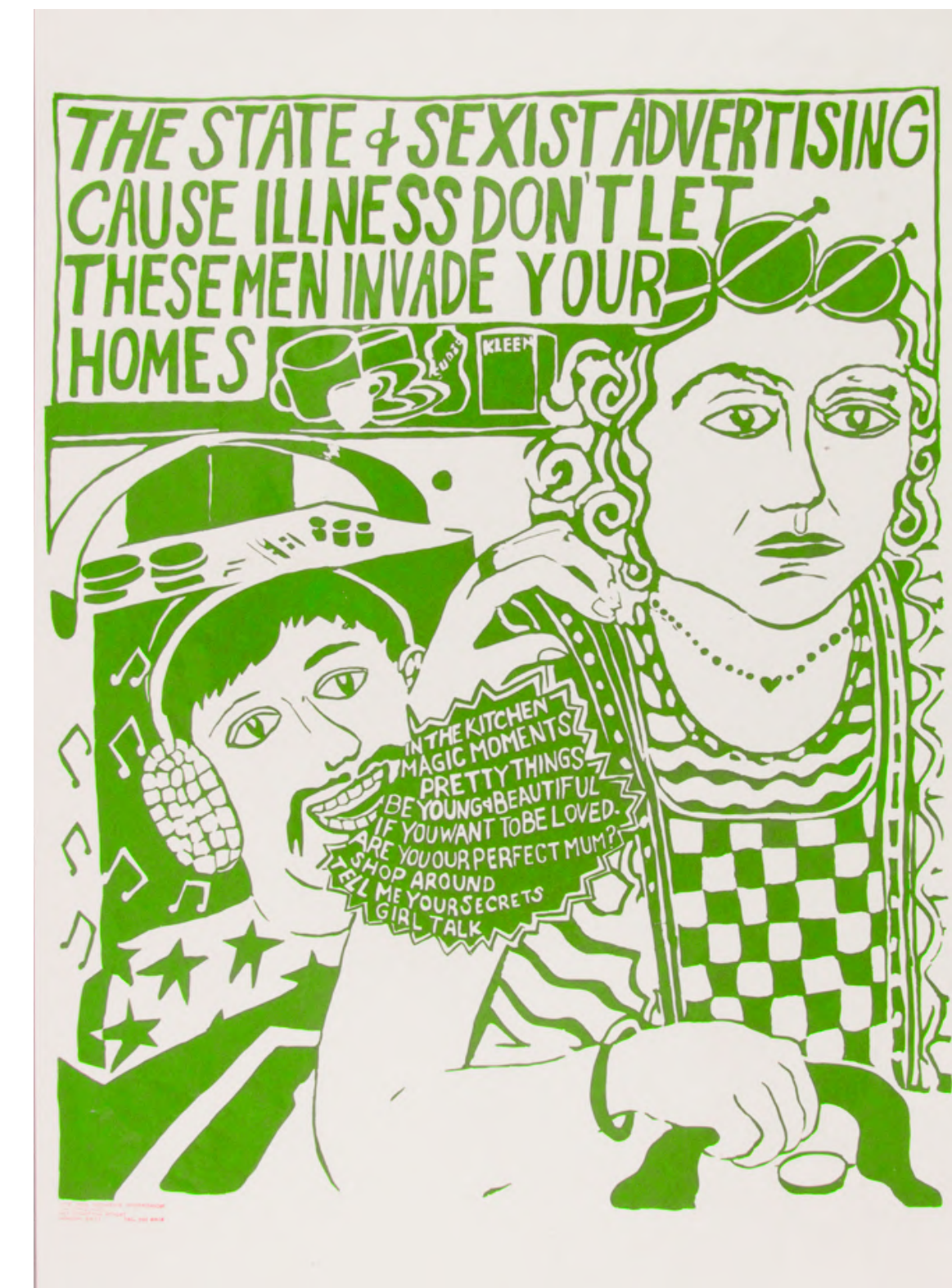


Fig.48: Sexist Media  
 Fonte: See Red Women's Workshop



# ORGANISE AGAINST THE NATIONAL FRONT



**DON'T  
LET RACISM  
DIVIDE US**

Fig.49: Racism  
Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.50: Black Women  
Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.51: Alphabet  
Fonte: See Red Women's Workshop



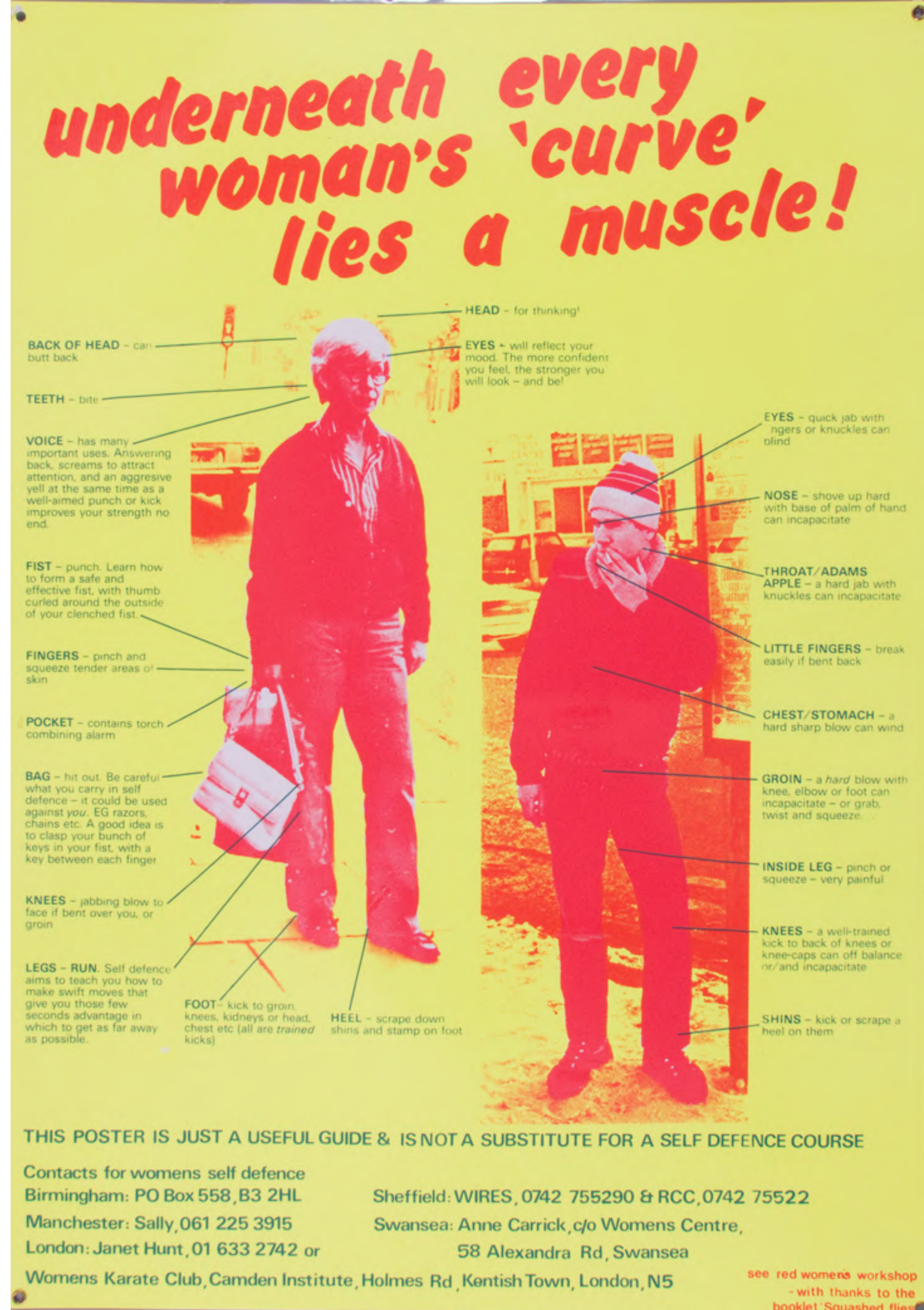


Fig.52: Self Defence  
 Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.53: Capitalism. Fonte: See Red Women's Workshop

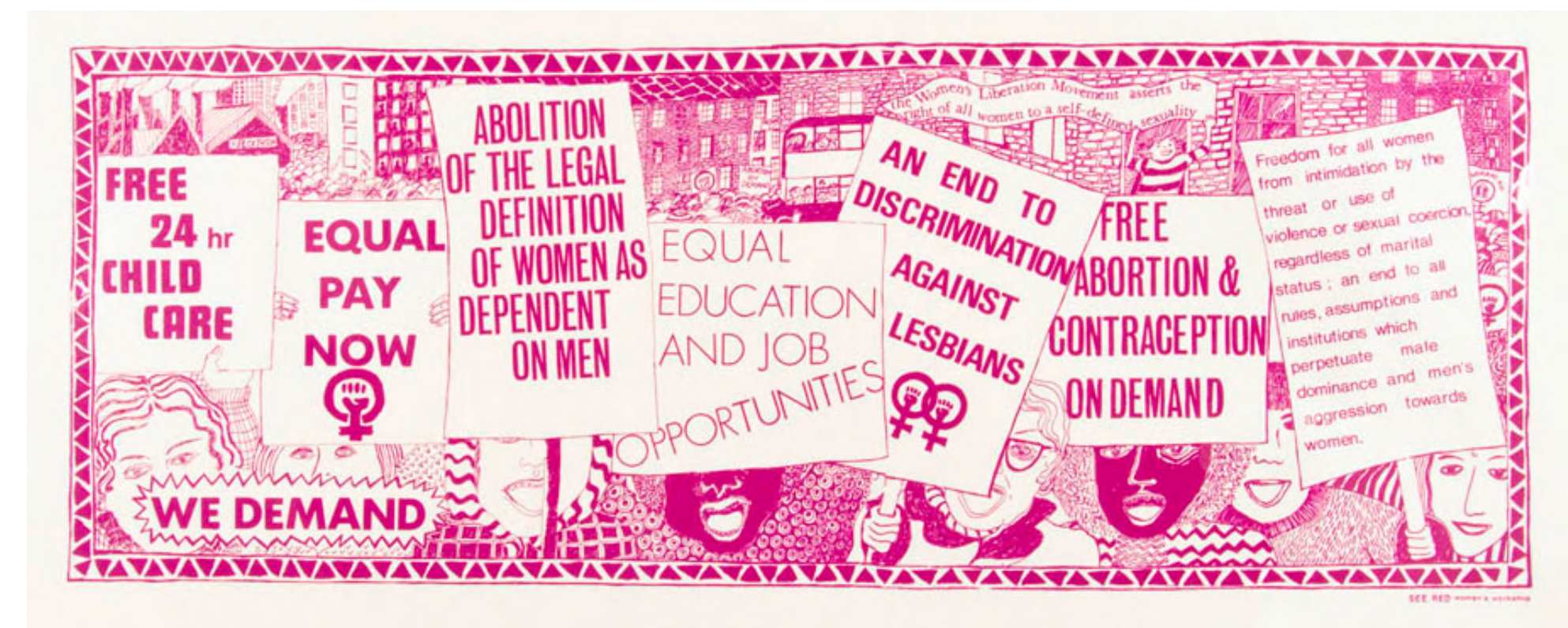


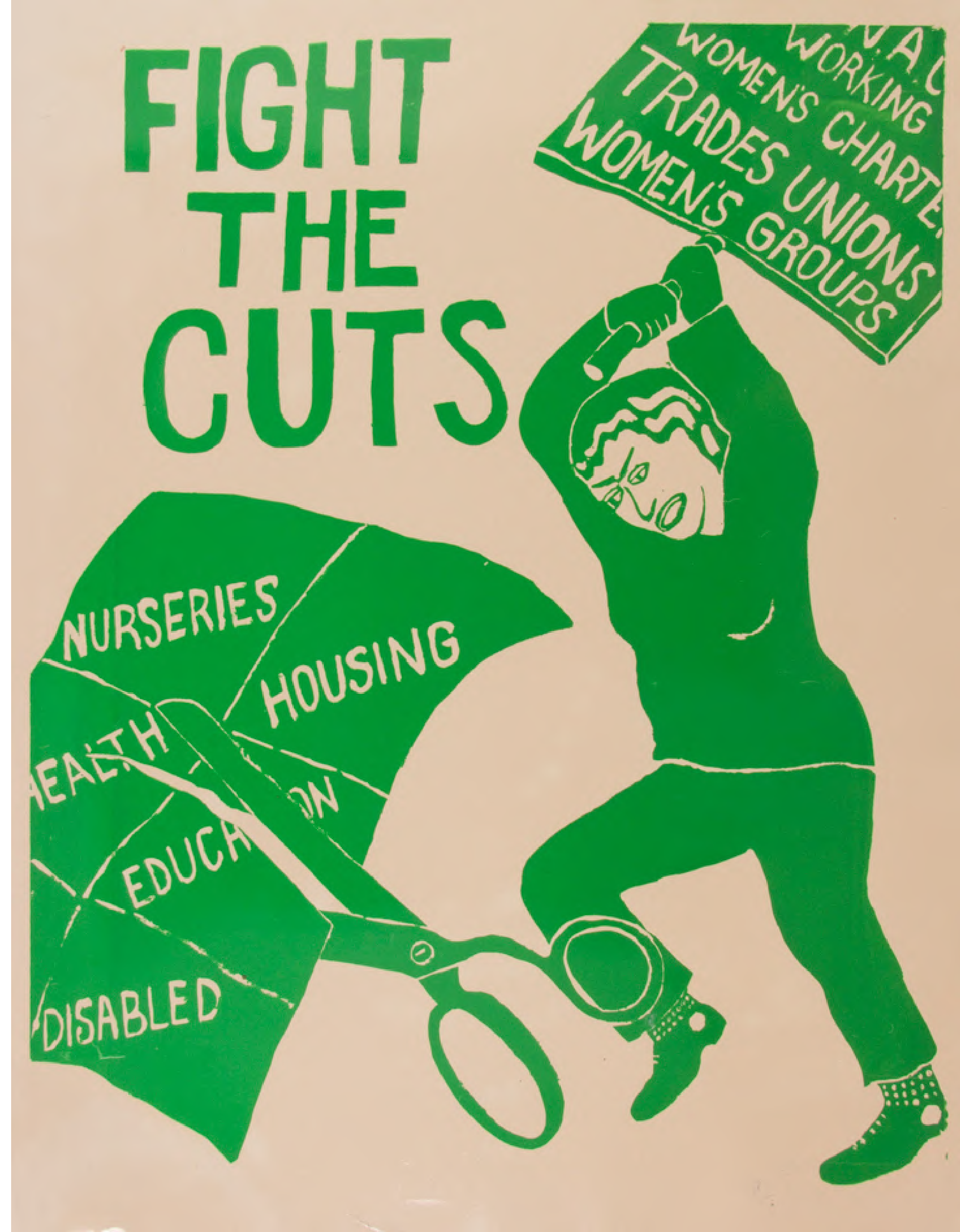
Fig.54: 7 demands  
 Fonte: See Red Women's Workshop



Fig.55: So long as  
Fonte: See Red Wo-  
men's Workshop



Fig.56: Fight the cuts  
Fonte: See Red Wo-  
men's Workshop





# PILAR AYMERICH



Fig.57: Manifestación «Jo també sóc adúltera» por la despenalización del adulterio, Pilar Aymerich  
Fonte: Museo Reina Sofia



Fig. 58 e 59: Manifestación por la despenalización del aborto, Pilar Aymerich  
Fonte: Museo Reina Sofia



Fig.60: Manifestación de protesta contra la violación y muerte de Antonia España, Pilar Aymerich.  
Fonte: Museo Reina Sofia



Fig.61: Fábrica de confección Eurostil. Las trabajadoras explican a los vecinos de Santa Coloma de Gramanet la crisis del textil, Pilar Aymerich  
Fonte: Museo Reina Sofia

Fotojornalista catalã que capturou alguns dos momentos mais importantes da história da Espanha e da Catalunha. Ao longo de sua carreira, Aymerich aproveitou sua posição para falar do feminismo através do que sabia fazer melhor: imagens. Desde a cobertura da Primeira Conferência Catalã das Mulheres, o primeiro evento feminista da Espanha, em junho de 1976, às manifestações desse mesmo ano em protesto contra a lei franquista que criminalizava o adultério.



# OS CARTAZES DESTA HISTÓRIA

O livro "Os cartazes desta história: Memória gráfica da resistência à Ditadura Militar e da redemocratização (1964 - 1985)" é uma iniciativa do Instituto Vladimir Herzog que traz uma

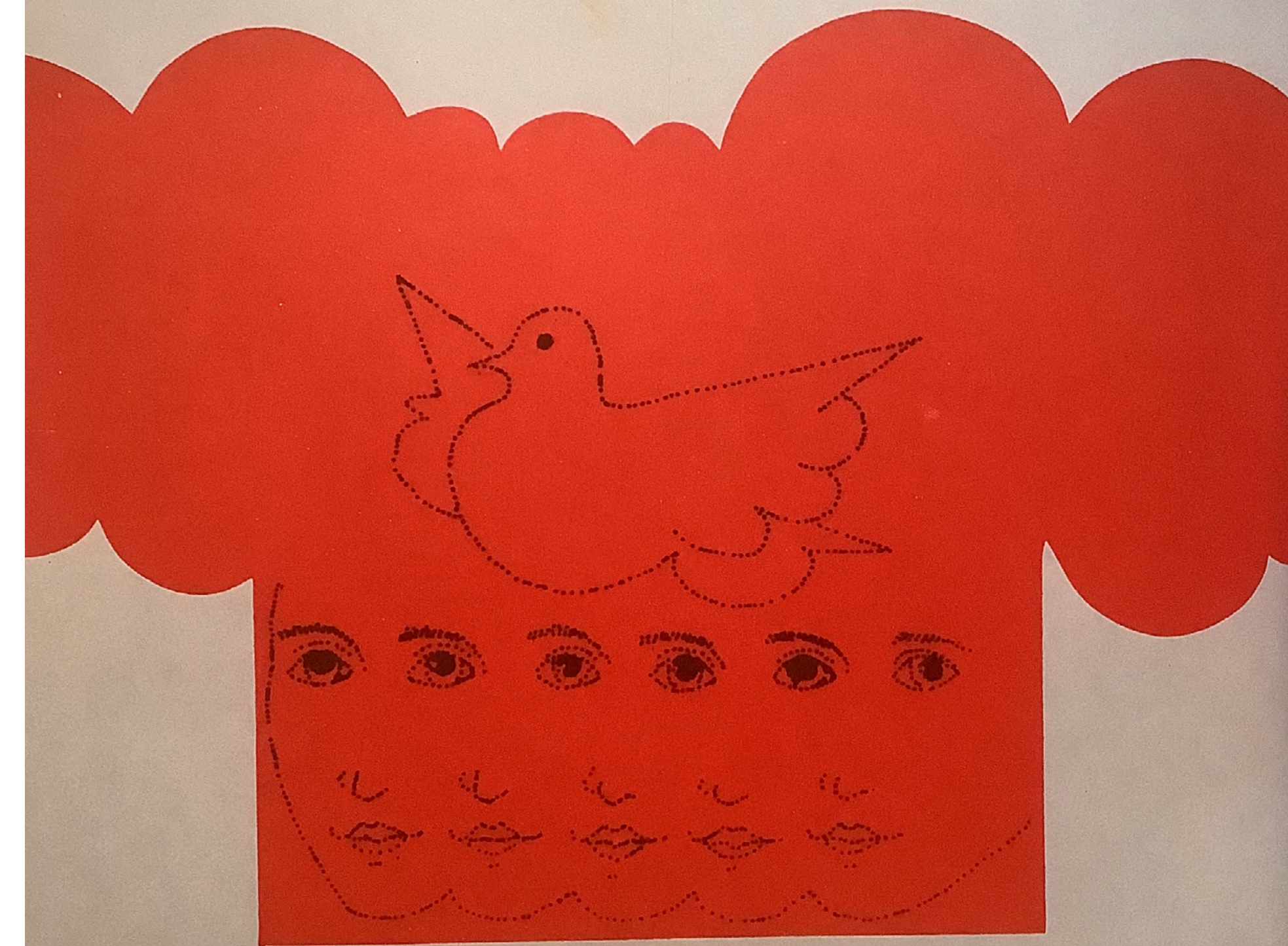
"compilação de 300 cartazes, documentos e fotografias políticos contra regimes militares e desrespeito aos direitos humanos nos vários países da América Latina. [...] Com destaque à resistência contra a ditadura no Brasil (1964-1984) e à rearticulação da sociedade civil depois da Anistia de 1979, os cartazes retratam denúncias e solidariedade dos brasileiros frente à situação no País e também nos vizinhos que viviam sob a intervenção militar"

Para este trabalho foram analisados apenas os cartazes feministas mostrados ao longo do livro, principalmente do capítulo "Mulheres, trabalhadores e estudantes".



Fig.62: Capa do livro 'Os cartazes desta história'  
Fonte: Kiko Farkas

## Solidariedade da mulher portuguesa à mulher brasileira



União de todas as mulheres pela paz mundial

MDM

Fig.63: Cartaz de solidariedade ao Brasil. Movimento Democrático de Mulheres

Fonte: Os cartazes desta história





Fig.64, 65 e 66: Cartazes de Virginia Artigas para o Ano Internacional da Mulher  
Fonte: Os cartazes desta história





Fig.67: Convocatória para plenária  
Fonte: Os cartazes desta história

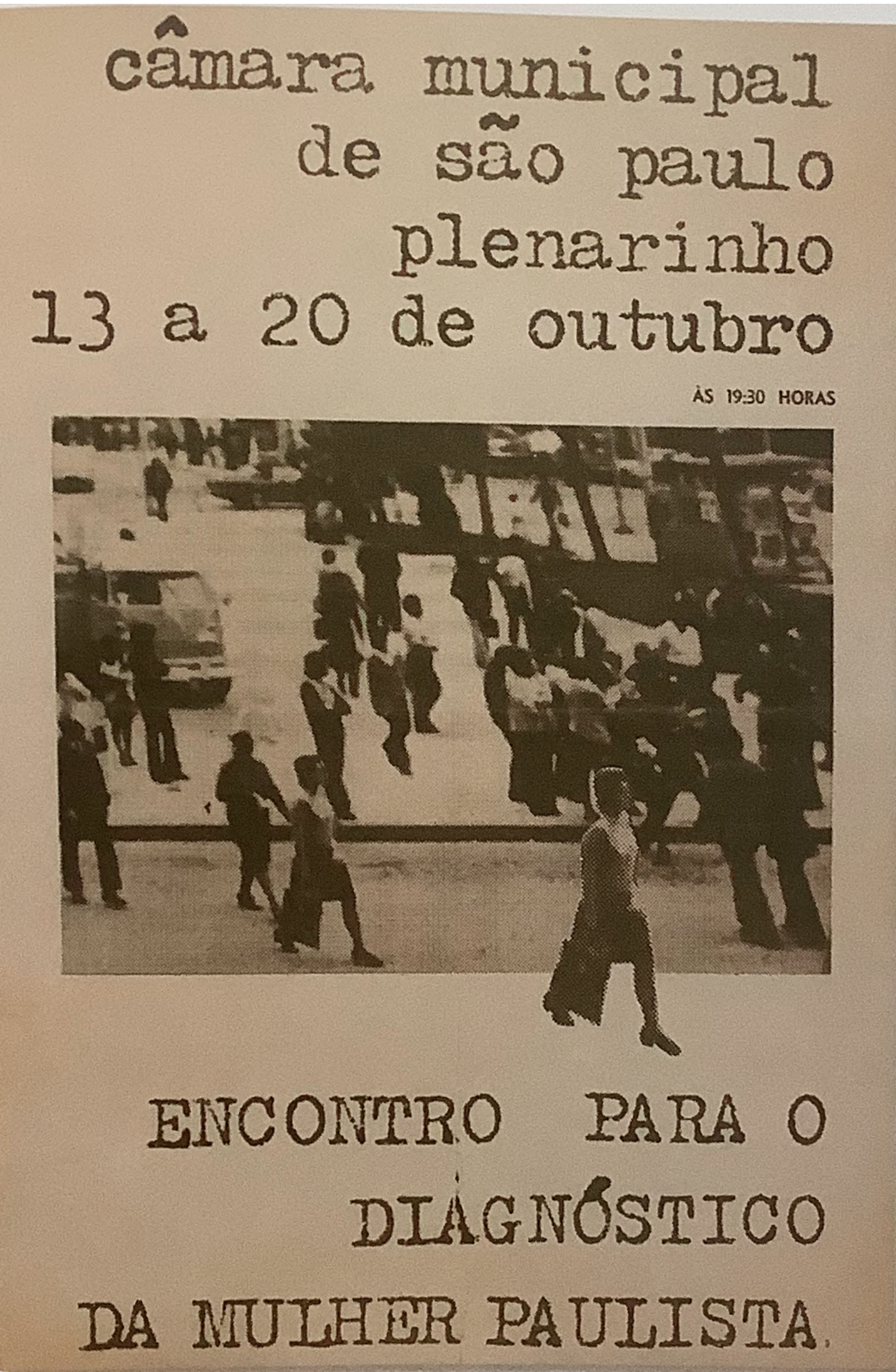


Fig.68: Semana  
da mulher uni-  
versitária da USP  
Fonte: Os carta-  
zes desta história

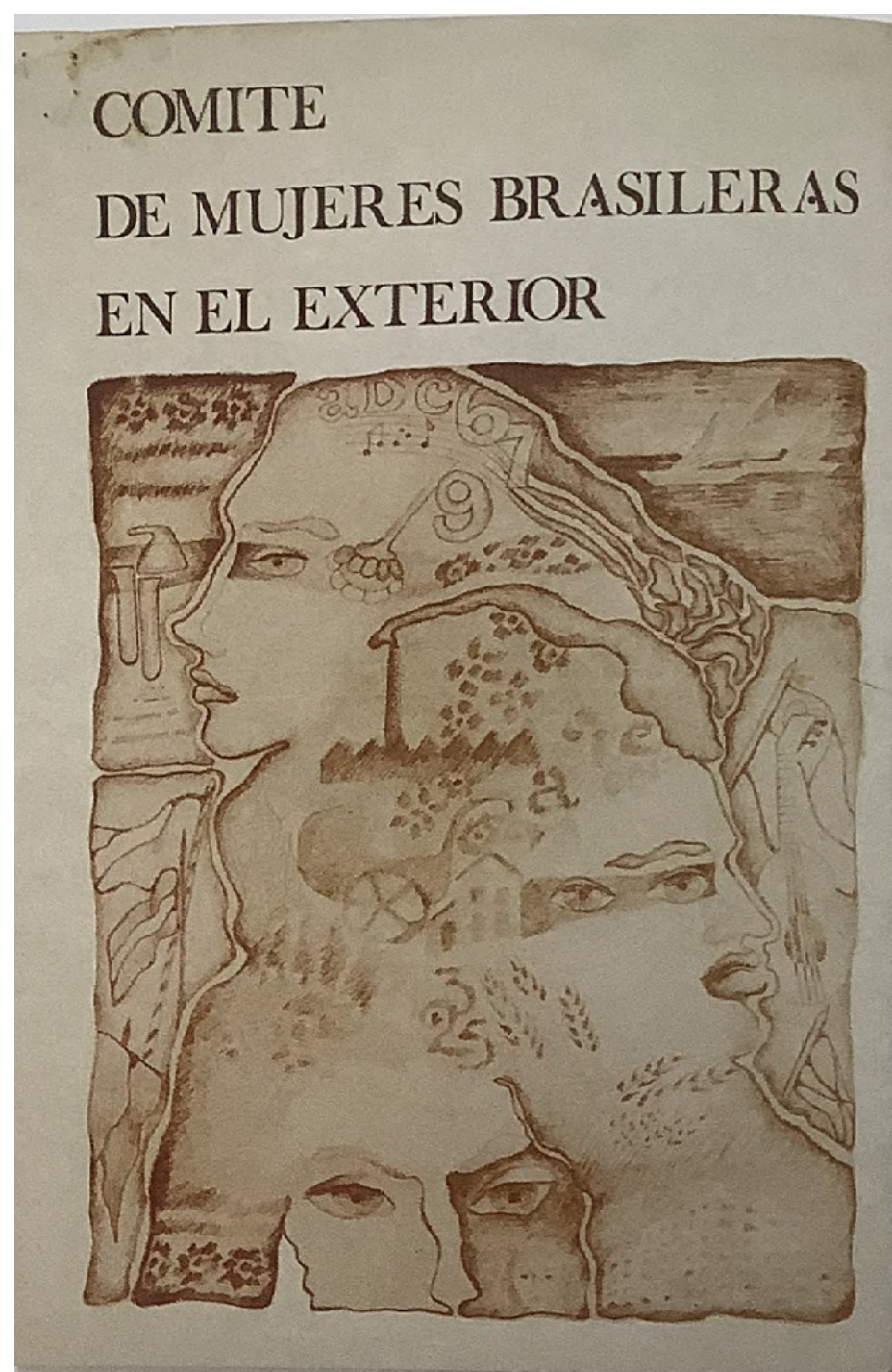


Fig.69: Comitê de  
mulheres brasi-  
leiras no exterior  
Fonte: Os carta-  
zes desta história

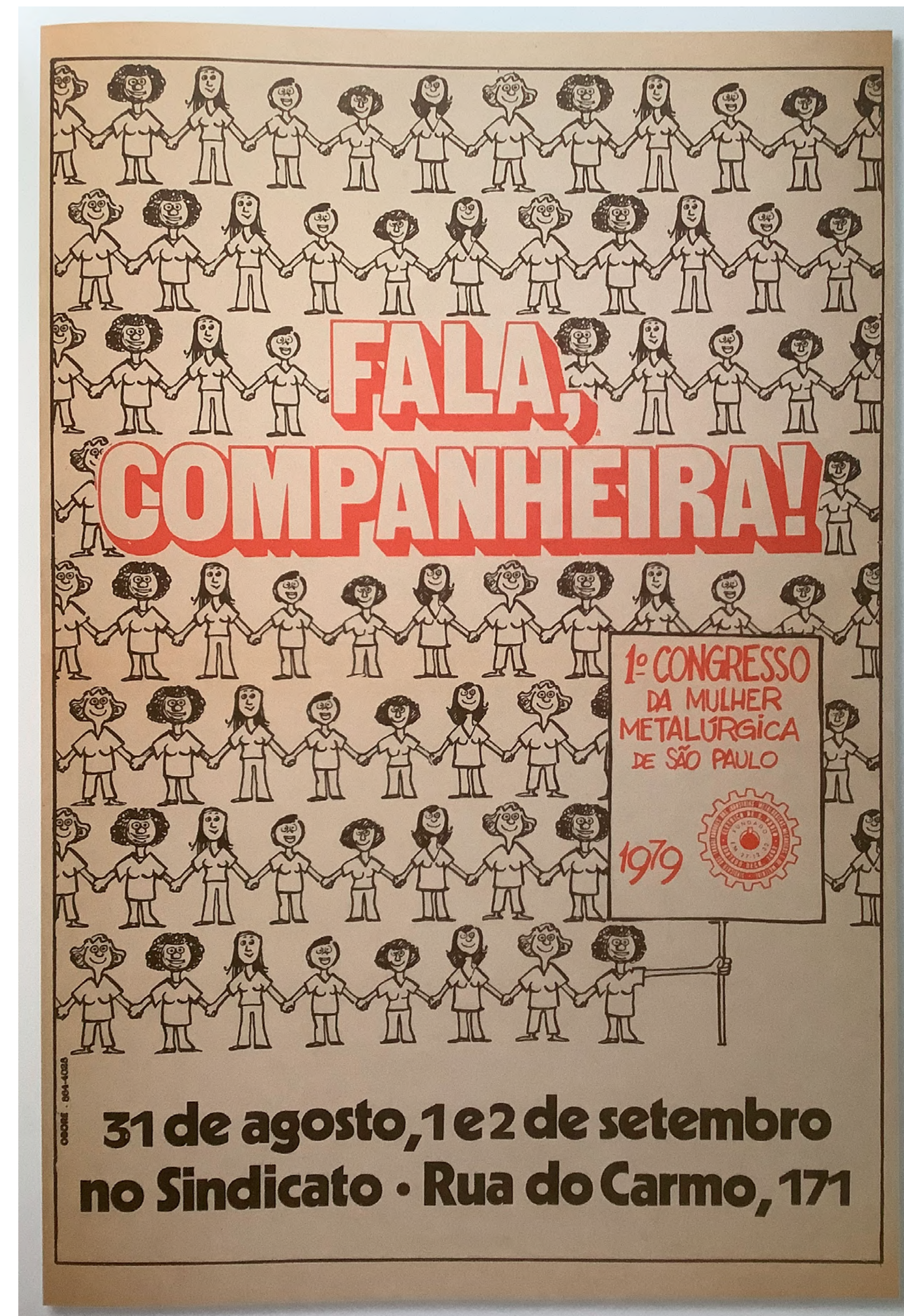


Fig.70: Primeiro Congresso da Mulher Metalúrgica de São Paulo  
Fonte: Os cartazes desta história



Homenagem do

Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira - Setor SP.

ao

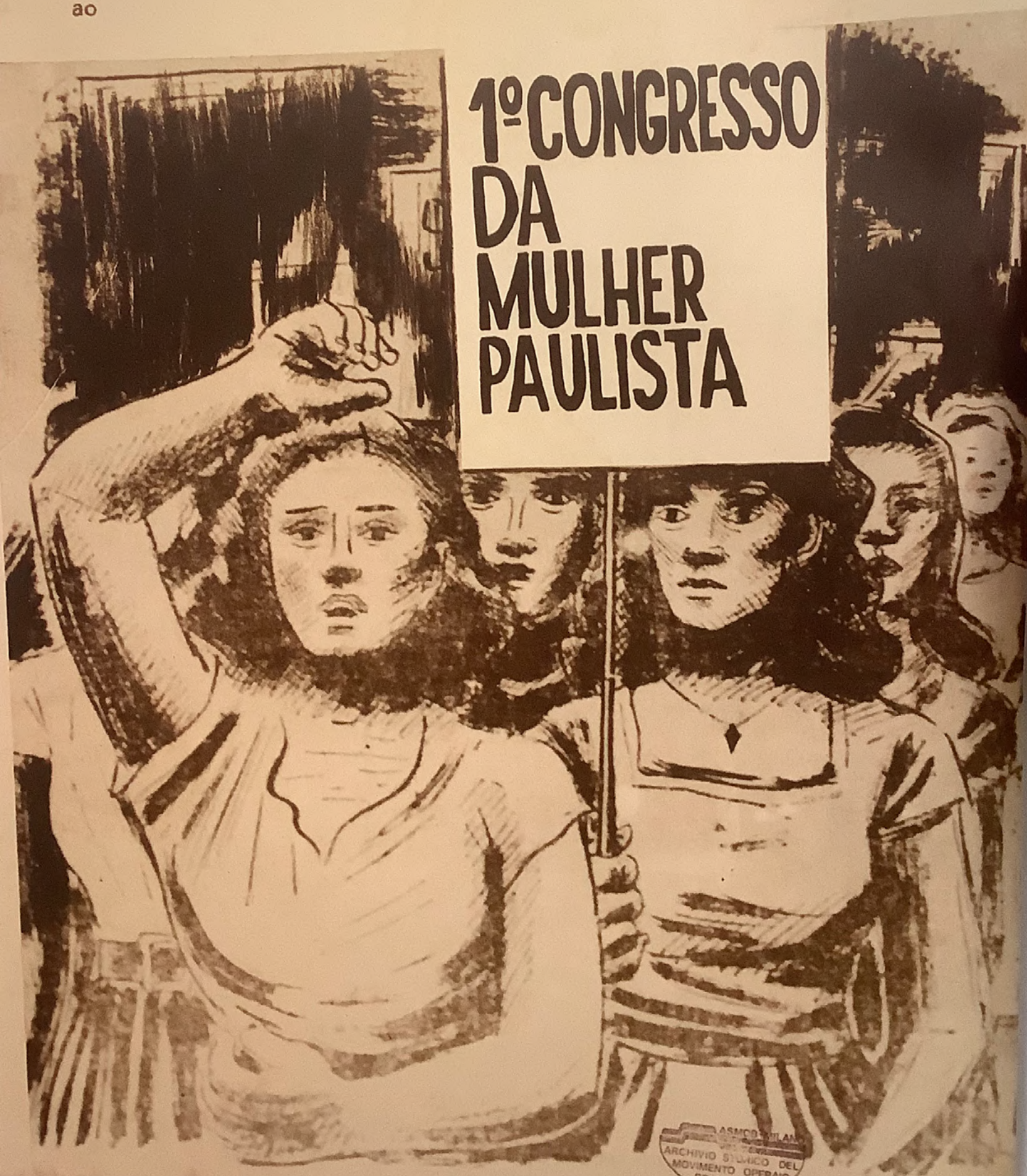


Fig.71: Primeiro Congresso da Mulher Paulista  
Fonte: Os cartazes desta história

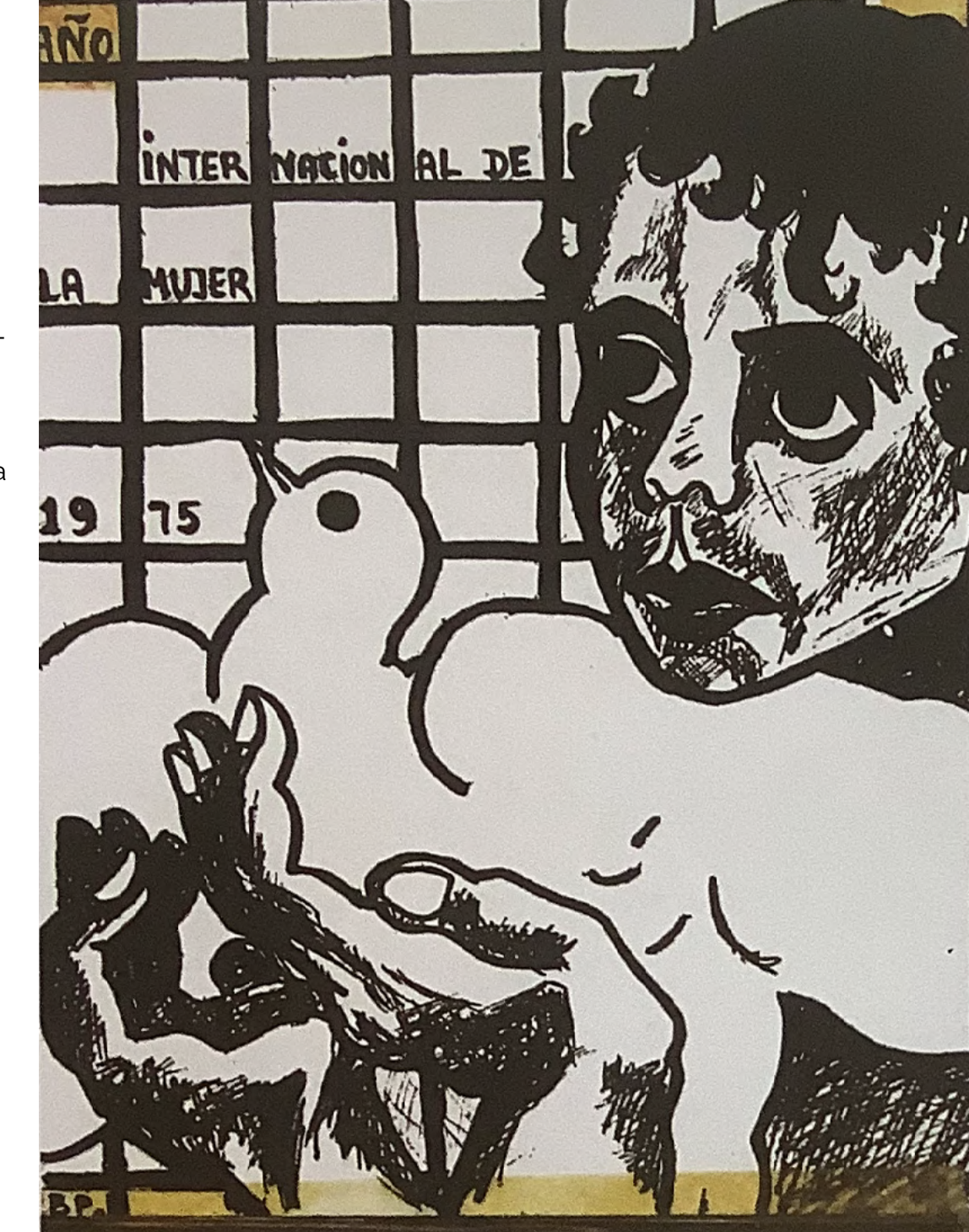
## Solidarietà con le Lotte delle Donne Brasiliane



Associazione delle Donne  
Brasiliane e Italiane  
Milano - Italia

Fig.72: Solidariedade com as lutas das mulheres brasileiras  
Fonte: Os cartazes desta história

Fig.73: Ano Internacional da Mulher (Comité Brasileiro de mulheres democráticas na Suécia)  
Fonte: Os cartazes desta história



Al congreso mundial de la mujer  
y a todos los que luchan por el  
derecho de la mujer a la dignidad  
plena, nuestro saludo entusiasta  
y solidario.

Comité brasile ro de mujeres  
democráticas - Lund.

Lund 22 de agosto de 1975. Suecia.





Fig.74: Encontro Nacional de Mulheres  
 Fonte: Os cartazes desta história



Fig.75: Assembleia do Movimento Feminino pela Anistia  
 Fonte: Os cartazes desta história

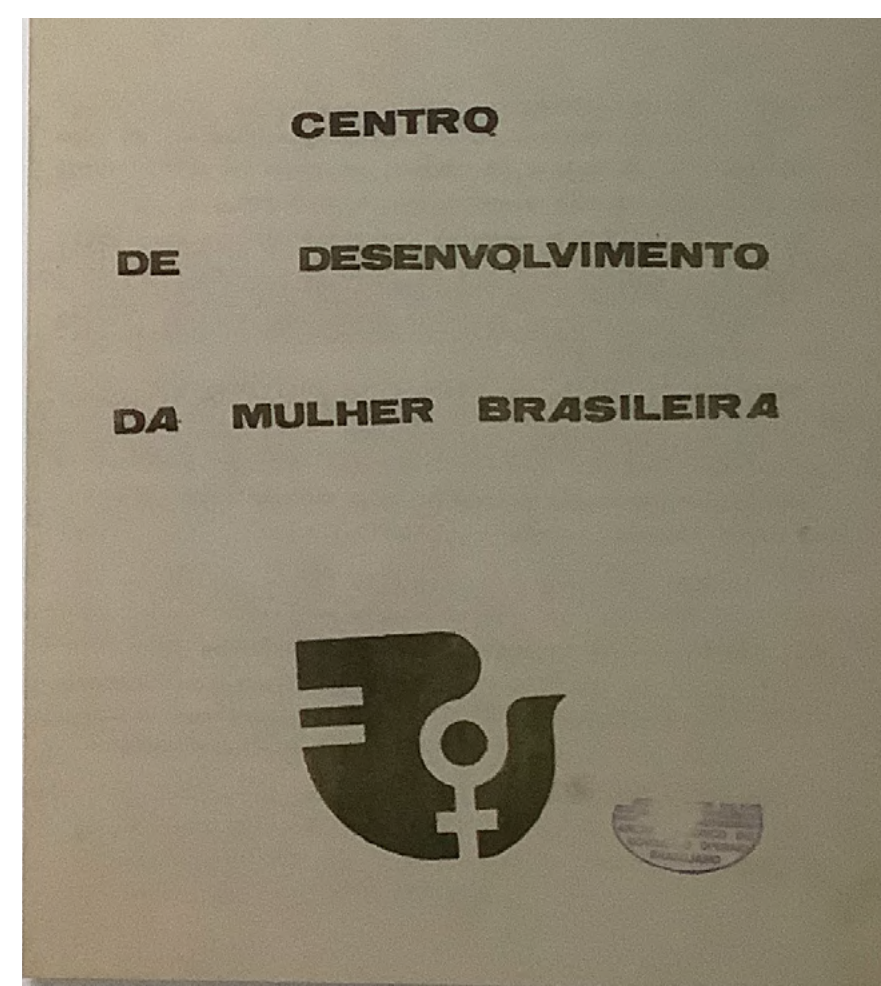


Fig.76: Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira  
 Fonte: Os cartazes desta história

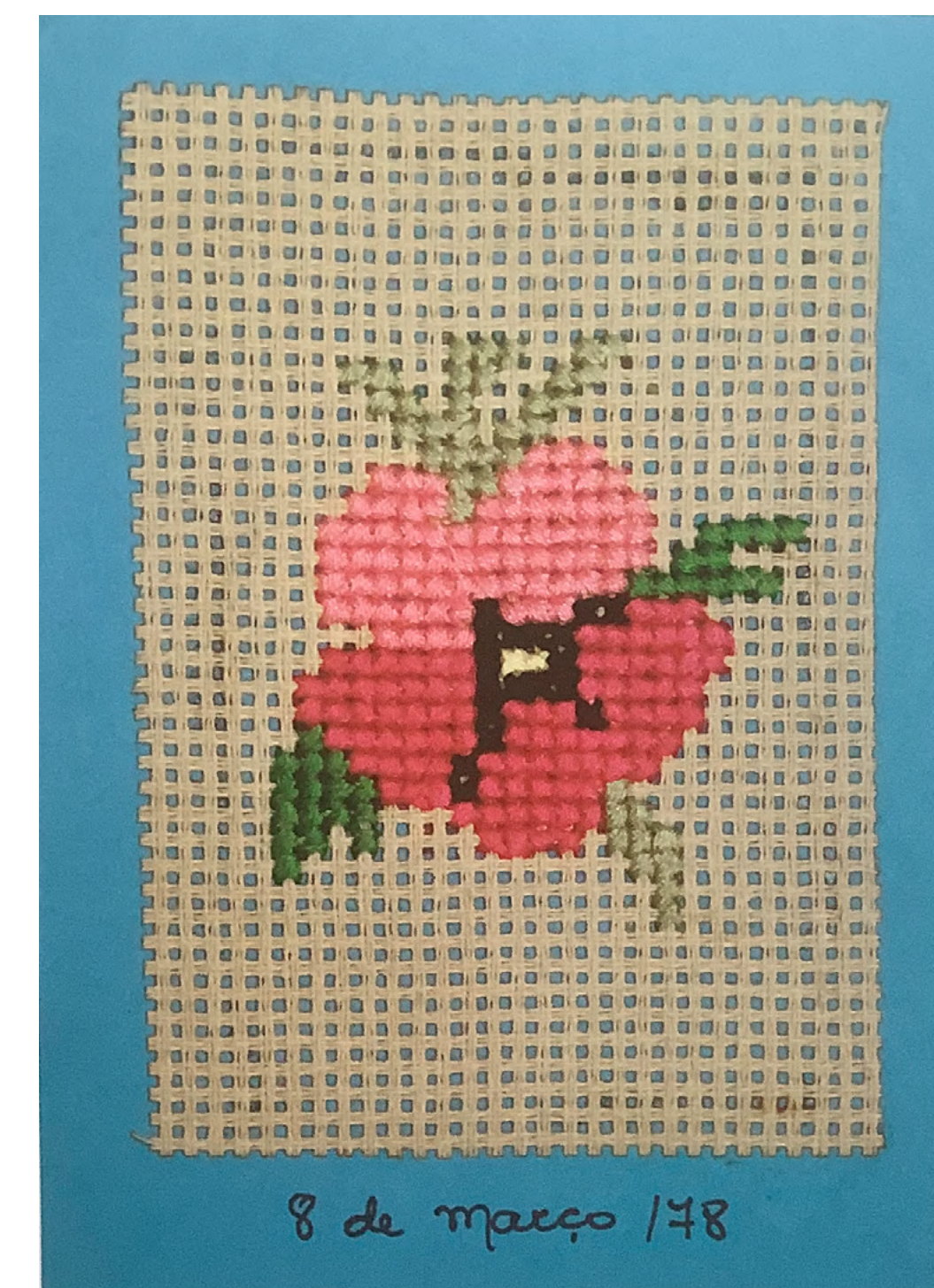


Fig.77 e 78: Cartões postais de mulheres exiladas  
 Fonte: Os cartazes desta história



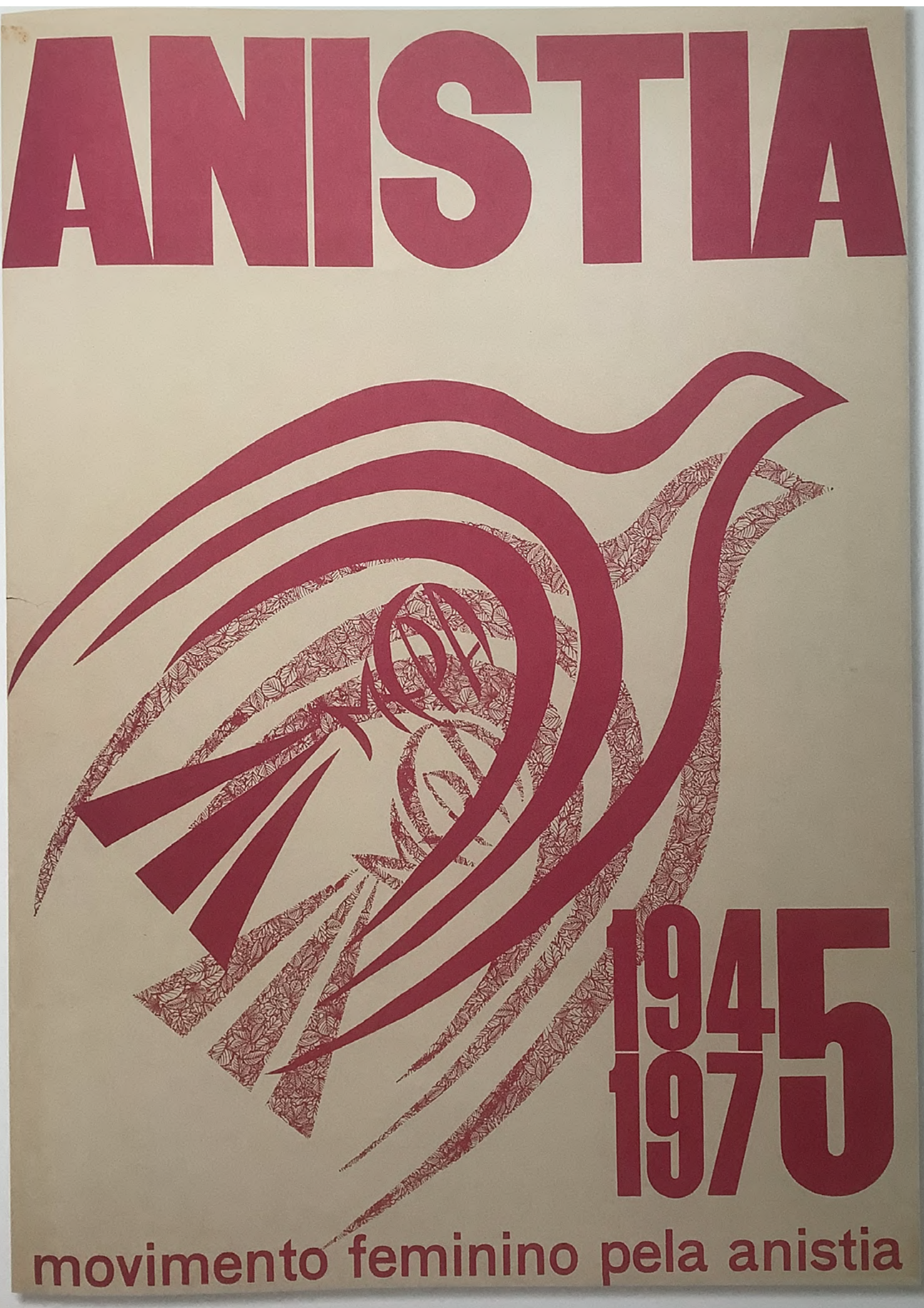


Fig. 79. 80 e 81: Movimento Feminino pela Anistia  
Fonte: Os cartazes desta história





# VOCAL TYPE

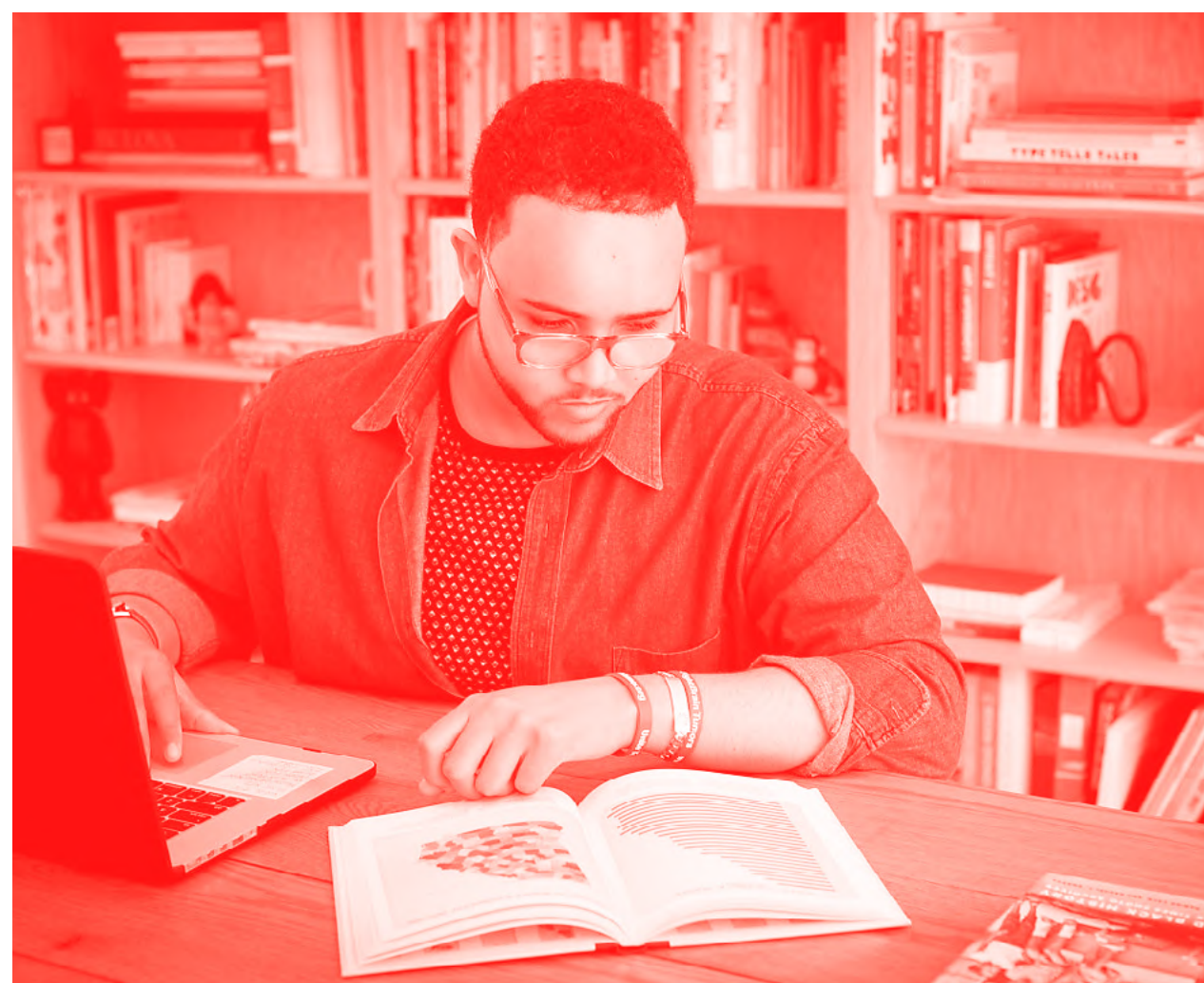


Fig.82: Tré Seals  
Fonte: Vocal Type

Vocal Type é uma type foundry criada pelo designer negro Tré Seals que após descobrir que apenas 3 a 3,5% dos designers praticantes nos Estados Unidos são negros decidiu fazer algo para mudar esse cenário. Cada fonte destaca um pedaço da história de uma raça, etnia ou gênero sub-representado.

Decidi encontrar uma maneira de aumentar a diversidade e empatia na indústria do design. Eu sabia que não poderia apenas mudar a demografia ou o sistema educacional. Então tentei descobrir um meio de introduzir uma parte não estereotipada da cultura minoritária no próprio design, começando com a base de qualquer bom design - tipografia. (Trés Seals)

Fig.83: Manifesto  
Fonte: Vocal Type





Fig.85: Variações da fonte EVA  
Fonte: Vocal Type

EVA é uma família de fontes inspirada em banners usados durante uma manifestação de mulheres em Buenos Aires em 1957 em frente ao Congresso Nacional Por Lei do Sufrágio Universal.

Eva Péron, que dá nome a fonte, foi uma grande pioneira do sufrágio feminino na Argentina. Era esposa do presidente Juan Péron e foi a grande responsável pela aprovação da lei do sufrágio feminino e formou o Partido Feminista Peronista em 1949.



Fig.84: Manifestação pelo Sufrágio Feminino no Congresso Nacional de Buenos Aires  
Fonte: Vocal Type

EVA

EVA

EVA



ABCDEFGHIJ  
KLMNOPQRS  
TUVWXYZ  
E E E

Fig.86: Variações da fonte EVA  
Fonte: Vocal Type



# TOPIC TYPE BLM

A Topic Type BLM é uma fonte desenvolvida pelo estúdio Vitamin London inspirada em cartazes usados nos protestos do Black Lives Matter (BLM) após a morte de George Floyd. O objetivo da criação foi de capturar a alma do movimento e levar a energia das ruas pro digital, especificamente na tipografia. Para a construção foram selecionadas 26 letras maiúsculas e 26 minúsculas de cartazes carregados durante os protestos, reproduzindo as formas da letras de forma fiel aos originais.

A Vitamin London está oferecendo a TopicType BLM gratuitamente para quem provar que fez uma doação para alguma organização relacionada ao Black Lives Matter.

Fig.87: Cartazes do protesto BLM que inspiraram a fonte  
Fonte: Design Week



USED AS THE AMPERSAND,  
THE HEART SYMBOLISES  
SOLIDARITY ♥ LIFE OF  
THE #BLM MOVEMENT

Fig.88: Explicação sobre dingbats de coração  
Fonte: Design Week

TOPIC TYPE BLM

UNITING THE  
VOICES ♥ SIGNS  
HEAD ACROSS  
THE WORD

✊

AA BB CC DD EE  
FF GG HH II JJ  
KK LL MM NN OO  
PP QQ RR SS TT UU  
VV Ww Xx Yy Zz  
0123456789  
? ! ♥ @ / ( ) ' `"  
✊ , → = % & \$

Fig.89: Caracteres da fonte  
Fonte: Design Week

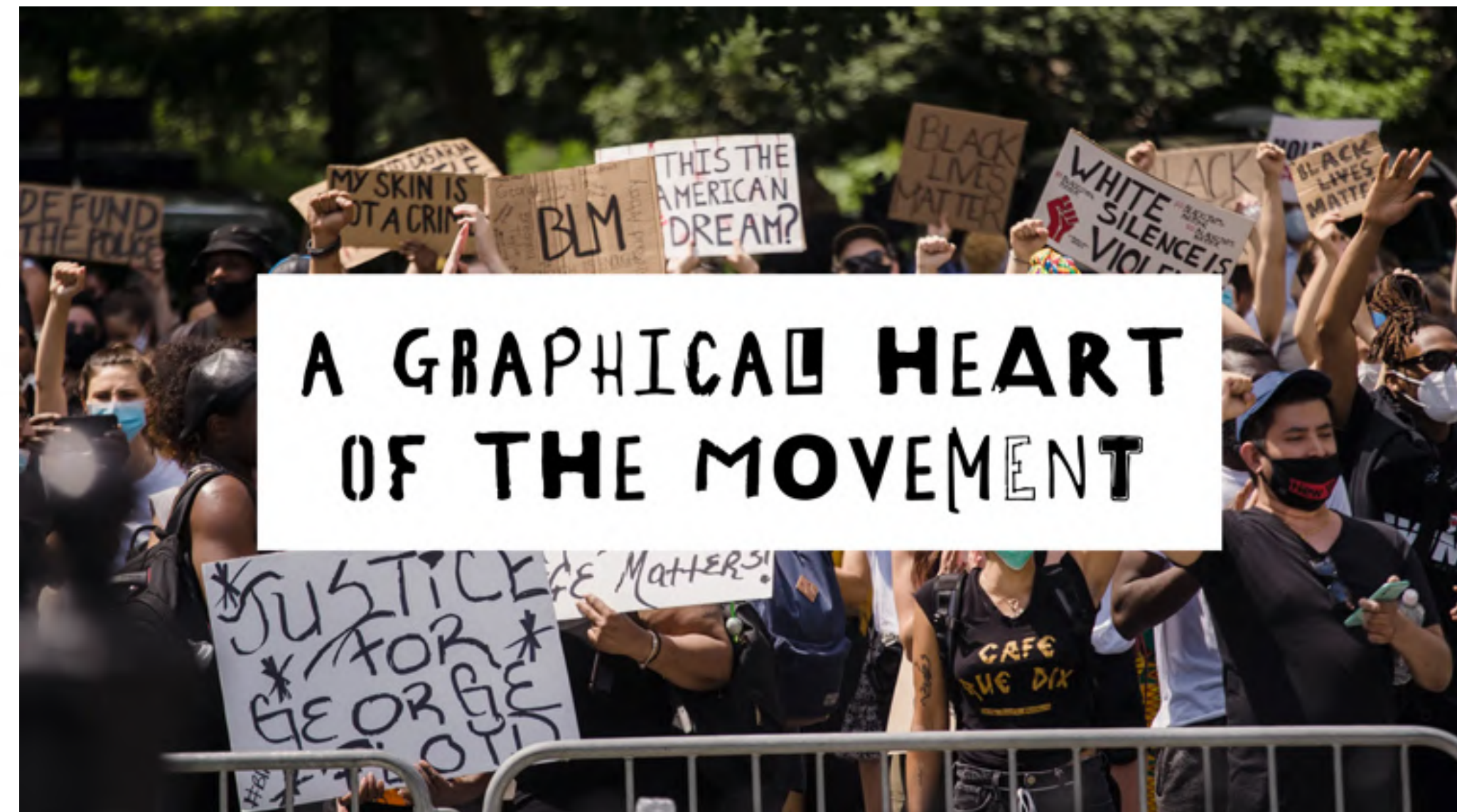


Fig.90: Aplicação da fonte em uma frase  
Fonte: Design Week



# -OC REVOLT

-OC Revolt é uma fonte display variável feita para os materiais gráficos de protesto do projeto T\*#@p Brexit da era Non-Complicit de Nova Iorque. Antes de ter uma versão digital era uma tipo de guerrilha feita com fita adesiva aplicada diretamente no local ou feita em serigrafia. A referência visual para o desenho da fonte veio dos grafites do artista Basquiat (SAMO©) nas ruas de Nova Iorque de 1977 ao início de 1980.

Uma fonte somente em maiúsculas, existem versões alternativas de cada caractere no teclado em minúsculas. As ligaduras de letras duplas são usadas para evitar a repetição mecânica direta de letras nos estilos estáticos e o Shift pode ser usado para tornar cada letra variavelmente única.

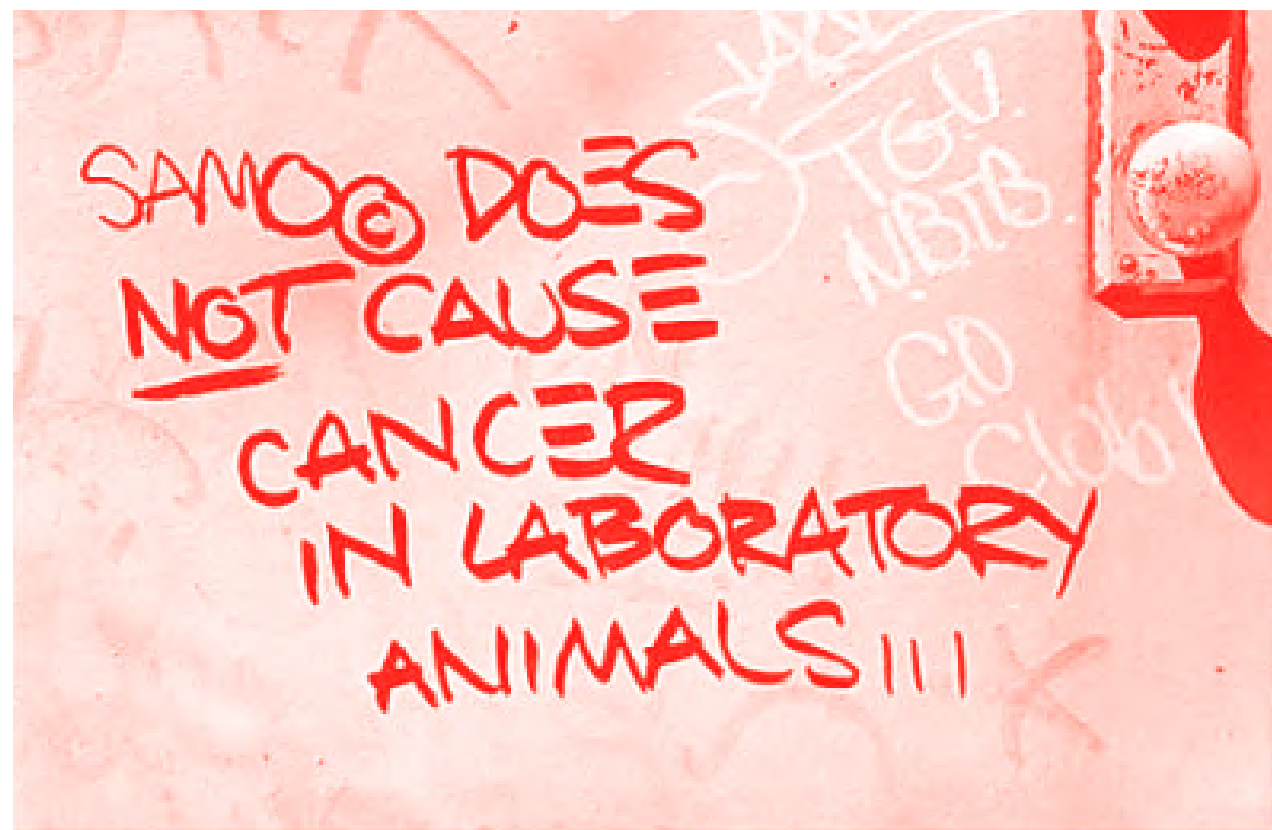


Fig.91: Grafite de Basquiat que serviu de inspiração  
Fonte: Otherwhere Collective



Fig.92: Aplicação da fonte  
Fonte: Otherwhere Collective

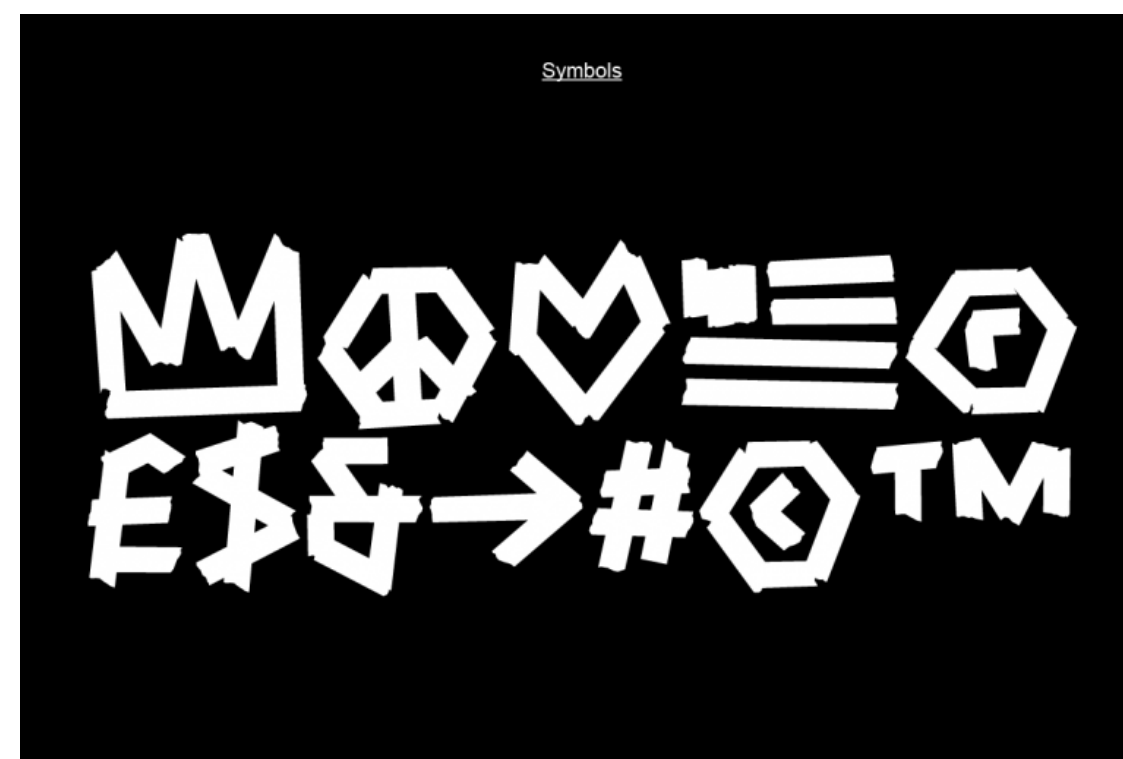


Fig.93: Símbolos  
Fonte: Otherwhere Collective

LIFE IS  
CONFUSING AT  
THIS POINT

Double Character Ligatures

AA BB CC DD EE FF GG  
HH II JJ KK LL MM NN  
OO PP QQ RR SS TT  
UU VV WW XX YY ZZ  
11 22 33 44 55 66  
77 88 99 00

Fig.93: Variações dos caracteres e aplicação em uma frase  
Fonte: Otherwhere Collective



# BIBLIOTECA FEMINISTA

A Biblioteca Feminista de Londres foi fundada em 1975 durante o auge da segunda onda do Movimento de Libertação das Mulheres e possui uma vasta coleção de escritos, periódicos, panfletos e cartazes do movimento. É uma biblioteca e espaço comunitário que apoia a pesquisa, ativismo e projetos comunitários.

A tipografia foi criada para compor uma nova identidade visual pro projeto e foi inspirada nos arquivos de banners feministas de protesto e fazem referência àqueles blocos de letras em plástico que, antes da era digital, eram usados para estampar os cartazes.

**THE  
FEMINIST  
LIBRARY**

Archiving our herstories since 1975

Fig.94: Logo da biblioteca  
Fonte: Hypeness



Fig.95: Aplicação da fonte em cartazes  
Fonte: Hypeness



Fig.96: Caracteres da fonte  
Fonte: Hypeness



# RESULTADOS DAS ANÁLISES

65,63%

Construção  
contínua

61%

Formas retas  
com cantos  
arredondados



70%

Não possuem  
contraste ou  
inclinação\*

48%

São bold  
ou extrabold

67,2%

Totalmente  
em caixa alta



Não é um dos aspectos utilizados na metodologia, mas é uma característica relevante escolhida para ser analisada também.

75%

Sem serifa  
ou terminal

84,4%

Não possuem  
decoração

15,6%

Seguem a  
proporção  
convencional

17,2%

Possuem  
caracteres-  
chave

\*O contraste e inclinação considerados aqui são os formais da anatomia tipográfica mostrados na figura 17, mas é possível ver um **contraste nas formas devido a construção descontínua** característica da escrita manual, muito presente nos materiais analisados.

69%\*<sup>2</sup>

Utiliza cores

65,5%\*<sup>2</sup>

Disposição das  
letras horizontal  
e regular

50%\*<sup>2</sup>

Alinhamento  
centralizado

3,1%

Uso de pic-  
togramas

\*<sup>2</sup>Valor desconsiderando as fontes, apenas cartazes.



Fig.98: Algumas seleção de tipos dentro dos aspectos analisados  
Fonte: da autora



Como resultado da análise elenquei os principais aspectos que norteariam o desenho das letras: *todas em caixa alta; sem serifa e terminais; formas retas com cantos arredondados; sem decoração; sem uso de pictogramas; sem modulações padrões; no quesito construção, apesar da maioria seguir de forma contínua, optei por fazer uma construção descontínua para contribuir com o conceito e a ideia que pretendia passar; em relação ao peso, optei por ficar entre o bold e extrabold para ter um impacto maior.*

A partir disso busquei novamente os materiais gráficos para selecionar letras que se encaixassem nesse padrão para montar uma espécie de moodboard para inspiração. As letras abaixo refletem bem o caminho que escolhi seguir com a criação.



Fig.97: Letras que evidenciam as características escolhidas para evidenciar na produção.  
Fonte: da autora

O processo de pesquisa e análise foi de extrema importância para identificar um padrão nas produções ativistas, mas também para construir um repertório de coletivos e profissionais que estão empenhados em fortalecer, divulgar e contribuir para o feminismo e outros movimentos sociais através do design e observar também como os recursos gráficos são empregados para transmitir uma ideia, mesmo por quem não é da área. O fato de me basear nessas características recorrentes para construir meu projeto não se deu apenas por um caráter estético, de reproduzir um padrão existente para gerar conexão e lembrança, mas sim por enxergar um resultado positivo nessa repetição de aspectos visuais, isso quer dizer, entender que algumas características exprimem facilmente os sentimentos por trás das pautas reivindicadas e se um elemento é usado com frequência, é porque possivelmente traz o resultado esperado.

Um exemplo disso é o fato de quase 70% das letras dos cartazes e fontes serem todas em caixa alta, o que pode ser pelo fato delas se destacarem mais, principalmente vistas a longa distância, mas também porque nos dá a impressão de que a informação está sendo gritada, pedindo

para ser ouvida e isso faz muito sentido para o intuito das produções. Além desses fatores, podemos associar também ao fato que muitos desses cartazes foram feitos de forma analógica, alguns inclusive feitos sem planejamento, para um ato específico e, pensando nesses casos, o escrever manual se faz mais facilmente com letras desse tipo, em caixa alta, sem serifa, sem decorações e apresentam certas falhas e incongruências nas hastes, o que não tira o poder dessas criações, pelo contrário, traz mais vida por deixar claro que alguém empenhou um tempo naquilo, são mais expressivos e evidenciam ainda mais o sentimento por trás: raiva, tristeza e anseio por mudança.

Essa é uma característica que decidi evidenciar na construção das minhas letras, além de seguir os aspectos intrínsecos mais constantes levantados na análise. Ao agrupar algumas letras dos cartazes que se enquadram nos atributos definidos, é possível notar como isso acontece em várias letras de diferentes cartazes de autorias também distintas, em muitas letras as hastes possuem espessuras diferentes, mesmo que de forma sutil e não seguem uma anatomia padrão da tipografia.



# CRIAÇÃO



TOIROS  
6 BONOS  
SANTOS

AMADORES DE CABO  
VIL  
TOIROS

ALCOCHETE  
SANTOS  
TOMAS

PEDRO SALVADOR  
MARCOS  
VIN  
CRIAÇÃO

MATIAS  
DUS AL  
APOSEN

22:15H  
0.15p.m



# IDEIAS E RASCUNHOS

Antes de começar de fato a criação das letras, elenquei quais características além dos padrões observados na análise eu gostaria de utilizar, foi feito então um processo de brainstorming que serviu para toda a parte de criação, além da fonte. Como já tinha um vasto repertório de referências visuais, foquei em definir conceitos que iriam nortear e compor a identidade do projeto e que se relacionassem com os aspectos visuais. Dentre as palavras levantadas, selecionei aquelas que mais representam o feminismo que eu acredito.

A partir disso consegui unir os padrões analisados com as minhas percepções e estilo. Uma das características marcantes e evidentes das letras nos materiais de referência é justamente a "imperfeição" nos traços, as diferenças de espessuras, desencontro das junções das hastes e uma leve textura que remete ao fazer manual e tudo isso relaciona-se com esse conceito elegido, transmitindo um sentimento de rebeldia, representando a interseccionalidade, as diferentes pautas dentro dos feminismos, as diferentes vozes que se unem para construir um movimento.

<b>Revolução</b>	<b>Ruptura</b>
<b>Visibilidade</b>	<b>Resistência</b>
<b>Insurgente</b>	<b>Transformação</b>
<b>Subverter</b>	<b>Interseccional</b>
<b>Rebeldia</b>	<b>Ação</b>
<b>Força</b>	<b>Ativismo</b>
<b>Luta</b>	<b>Poder</b>
<b>Liberdade</b>	<b>Justiça</b>
<b>Tangível</b>	<b>Afronte</b>
<b>Pulsante</b>	<b>União</b>
<b>Grito</b>	<b>Combativo</b>
<b>Voz</b>	<b>Revelação</b>
<b>Manifesto</b>	<b>Reverberar</b>

Com isso dei início aos testes e esboços começando pela letra A e focando em uma construção propositalmente desigual e assimétrica. Dentre os estudos, um deles me chamou mais a atenção por ter uma personalidade mais forte, com uma desigualdade de espessuras acentuada e variação de hastes retas e inclinadas, sendo escolhido para ser aperfeiçoado e testado em outras letras.

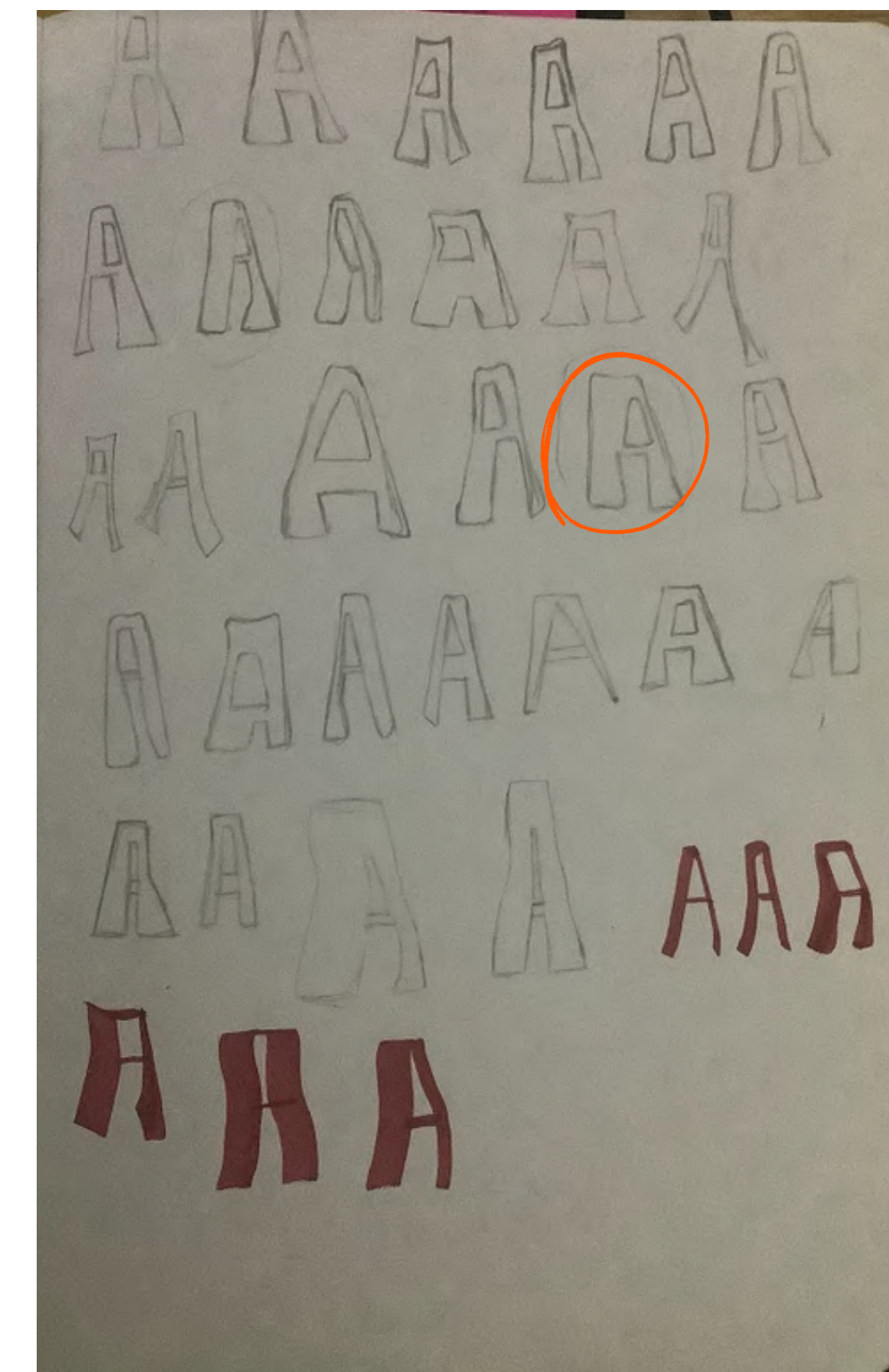


Fig.99: Rascunhos iniciais da letra A  
Fonte: da autora



Após os primeiros rascunhos no papel passei para o digital de forma manual através de um tablet para que simulasse ainda de alguma forma o traço da mão, utilizando um *brush* com uma leve textura de pincel, mantendo assim o conceito e a potência que os letreiramentos manuais de protesto trazem justamente por serem feitos a mão.

Para cada letra foram feitos alguns testes com o padrão de variar as inclinações e espessuras das hastes até chegar em formas que conversavam umas com as outras e tinham uma harmonia quando colocadas juntas.

Considerando o tempo dedicado à pesquisa de fundamentação e análise dos materiais, não foi possível finalizar a fonte completamente com todos seus caracteres e nem programá-la. Para a entrega deste projeto foram desenhadas apenas as 26 letras do alfabeto com 6 delas contendo 2 variações cada e alguns pontos e acentos que foram utilizados nos cartazes e neste relatório, mas o intuito é seguir com a construção dos demais caracteres e finalizar a fonte de fato, programando para que possa ser usada por outras pessoas.



Fig.100: Rascunhos digitais de algumas letras  
Fonte: da autora



# RESULTADOS

ABCDEFGHIJKLMN  
OPQRSTUVWXYZ

Construção descontínua com uma mistura de linhas diagonais, verticais, horizontais e curvas para representar a **ruptura**, **rebeldia** e **resistência**.



AENRUV

Variações para representar a **diversidade** dentro do movimento e a característica marcante da escrita a mão dos cartazes de protesto.



Versão com textura



Cantos arredondados

Hastes não são perfeitamente retas e tem leves ruídos.



# IDENTIDADE VISUAL E APLICAÇÃO EM CARTAZES

Como a fonte foi inspirada majoritariamente em letreiramentos de cartazes, decidi fazer alguns deles para mostrar sua aplicação.

Para isso, escolhi 4 frases de impacto de mulheres que têm ou tiveram um papel ativo na sociedade em prol de mudanças e que representam diversas faces do feminismo que reivindica pautas que englobam toda a diversidade dentro do ser mulher, inclusive extrapolando as questões de gênero e abordando também raça e classe. A seguir irei explicar um pouco o significado por trás de cada uma delas e mostrar a escolha de cores, imagens e nome do projeto.



## Nome

Para dar um nome ao projeto usei como base o conceito criado no brainstorming para a fonte.

**Lume**, segundo o dicionário Michaelis, significa "fogo", "clareza", "luz" e em sentido figurado pode significar "conjunto de ideias ou princípios que guiam ou orientam", "fonte inspiradora de criação" e, dentro das expressões "trazer a lume" ou "vir a lume" significa "tornar conhecido o que se ignorava; mostrar, revelar". Por essa razão foi o nome escolhido para o projeto, visto que o seu intuito é usar o Design Gráfico como ferramenta de impacto social positivo, trazer um assunto e um grupo de pessoas invisibilizadas "ao lume", ou seja, revelar o poder do movimento feminista e a importância de se buscar mudanças na estrutura da sociedade. E além desses significados por trás da palavra, o fogo em si é um ícone que representa muito a rebeldia, revolução, transformação, resistência, é um elemento visual que está muito atrelado à insurgência e ao combate, coisas que são intrinsecamente ligadas aos movimentos sociais.

Pensando ainda em associações com o nome, conseguimos relacionar inclusive o processo de combustão do fogo com a militância, isso porque, para que o fogo realmente aconteça, são necessários três elementos essenciais:

**o combustível:** tudo aquilo que pode entrar em combustão e aqui podemos associar com o que queremos "queimar": o patriarcado e todas as opressões.

**o comburente:** o elemento que permite a queima, ou seja, que entra em contato com o combustível para que haja a combustão. Neste caso podemos relacionar com as manifestações, protestos, meios de ativismos que enfrentam diretamente as estruturas de poder para combatê-las.

**o calor:** qualquer energia ativa que permitirá a combustão entre os dois primeiros elementos. E por último, essa energia que dá força aos movimentos sociais é o conhecimento, livros, materiais gráficos de protesto, etc.



LUME



## Cores

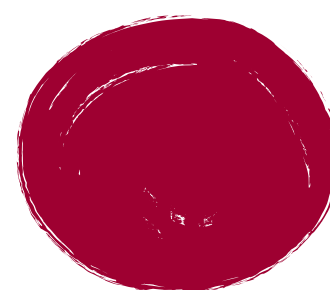
A partir da ideia do fogo, as cores principais que o representam são o vermelho e o laranja, que trazem significados que se associam subjetivamente ao contexto também. Além dessas duas cores, decidi inserir também uma que tem um significado e relação mais direta com o feminismo: o roxo/lilás, que vem representando o movimento a um tempo.

Bom, a visibilidade e o simbolismo do Lilás para o feminismo surgiu ainda na década de 1960, quando, através do processo de auto-organização do movimento feminista, foi adotada esta cor. Sua composição é conseguida através da mistura da mesma medida das cores rosa e azul, que costumam ser adotadas como as cores feminina e masculina pela sociedade. Porém, os primeiros registros históricos da sua utilização são datados do início do século 20, quando foi utilizada pelas sufragistas inglesas para identificar a luta pelo direito ao voto.

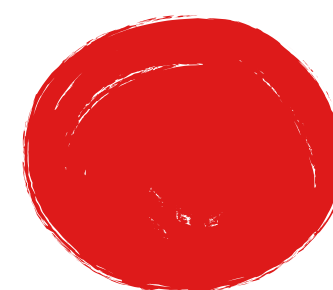
O lilás surgiu como uma síntese cromática da luta por igualdade e libertação. Hoje, o lilás continua simbolizando as lutas e os protestos feministas para a superação do patriarcado e do machismo. A simbologia de igualdade fez desta cor, o símbolo do feminismo. A visibilidade Lilás representa a força deste feminismo antirracista e transinclusivo, que acolhe todas as mu-

lheres com toda a diversidade que nos define e caracteriza, que luta pela despatriarcalização de todos os espaços e dos próprios movimentos onde atuamos. Simboliza toda a força da auto-organização das mulheres que, unidas, lutamos contra essa opressão e exploração que nos é comum. (GUIMARÃES, Maria, 2021)

#9e0031

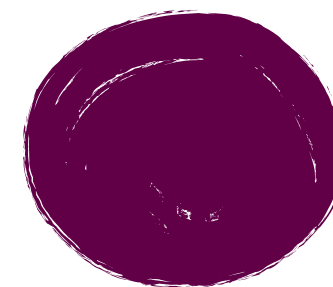


#de1a1a



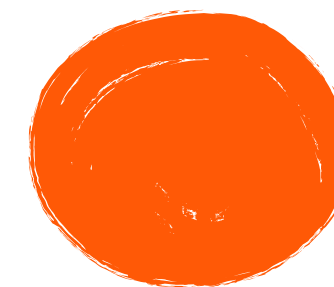
Raiva, força, energia, poder

#610047



Transformação, conhecimento, sensibilidade

#ff5906



Energia, equilíbrio, expansão

## Fotos

Nas análises dos cartazes foi notado um padrão em que quase 100% são compostos por imagens ou ilustrações mais o texto. Sendo assim decidi manter isso na produção dos cartazes, utilizando imagens com efeito duotone semelhante a alguns cartazes, mas de forma que o destaque fique para o texto, uma vez que o foco do trabalho é da tipografia.



Fig.100: Cartazes que serviram de referência para o estilo das imagens



# ANGELA DAVIS

## Sobre ela

Nascida no Alabama, Estados Unidos em 1944, é filósofa e professora do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e um ícone da luta pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos. Fez parte do Partido Comunista dos Estados Unidos e militou em uma frente do grupo Panteiras Negras. É uma figura essencial para o debate feminista interseccional, antirracista, antipunitivista e anticapitalista.

## Sobre o cartaz

"A liberdade é uma luta constante" é o nome de um de seus livros que traz "reflexões sobre como as lutas históricas do movimento negro e do feminismo negro nos Estados Unidos e a luta contra o apartheid na África do Sul se relacionam com os movimentos atuais pelo abolicionismo prisional e com a luta anticolonial na Palestina." (Conceição Evaristo, 2018)

Segundo Davis (2018) "O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo — quer dizer, o feminismo a que me associo. E há múltiplos feminismos, certo? Ele deve

envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias "mulher" e "gênero". As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas. O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas."

Essa forma de enxergar o feminismo como um movimento que pode abranger muitas outras pautas pode ser chamada de interseccionalidade que entende que as opressões e explorações estão interligadas e uma não exclui a outra, pelo contrário, podem se somar, inclusive na luta. Escolhi essa frase porque o feminismo que eu acredito é para os 99%, que combate todas as formas de opressões e explorações, além do patriarcado.



Fig.101:  
Angela Davis  
Fonte: Foto de  
Djeneba Adu-  
ayom for TIME

**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**



**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**

**CONSTANTE  
CONSTANTE  
CONSTANTE**

Angela Davis

**LUME**  
@lume\_elas

**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**

Angela Davis

**LUME**  
@lume\_elas

O cartaz da esquerda utiliza a imagem da Angela Davis e o segundo de uma manifestação de mulheres contra o Bolsonaro.

Fig.102 e 103:  
Cartazes desenvolvidos pela autora



# FRANÇOISE VERGÈS

## Sobre ela

Françoise Vergès nasceu em 1952, em Paris, na França. É cientista política, historiadora, ativista, especialista em estudos pós-coloniais e ph.D em teoria política pela Universidade de Berkeley, na Califórnia. Além de seus trabalhos teóricos no campo do feminismo também tem uma forte ligação com a arte, tendo sido presidente do Comitê para a Memória e a História da Escravidão e organizado exposições no Museu do Louvre com temáticas sobre escravidão e feminismo.

## Sobre o cartaz

No livro "Um Feminismo Decolonial", Vergès cita a frase "Invisíveis, elas abrem a cidade" ao contar a história das trabalhadoras da limpeza da Gare du Nord, uma das estações de trem mais movimentadas de Paris, contratadas pela empresa terceirizada Onet, que em 2018 ficaram por 45 dias de greve e saíram vitoriosas. Ela usa esse acontecimento para ilustrar como funciona o trabalho da reprodução social na nossa sociedade, que por ser um sistema patriarcal atribui sempre às mulheres. Esse trabalho é caracterizado por atividades que possibilitam a vida, criando condições necessárias para tal como o cuidado familiar,

alimentação, limpeza da casa e roupas, criação de crianças e adolescentes e até mesmo a configuração de relações sexuais, ocorrendo no espaço doméstico-privado e por isso não é visto como um trabalho, não sendo, portanto, remunerado (Johanna Brenner e Barbara Laslett, apud Sabrina Fernandes, 2019). Apesar dessas atividades serem majoritariamente restritas ao campo privado e vistas como "dever" de cada mulher em seu lar, o cenário não é igual para todas elas, uma vez que existem diferenças enormes no âmbito econômico e social que permitem que algumas mulheres - em sua maioria brancas e burguesas - possam "quebrar o teto de vidro" e ascender em suas carreiras, terceirizando o cuidado do lar para outras.

Quando isso acontece o trabalho da reprodução social passa a ser remunerado, mas continua visto como não qualificado e transferido majoritariamente a mulheres racializadas - a autora também considera mulheres entendidas como não brancas e não ocidentais que vivem na condição de imigrantes ou refugiadas na França e aquelas que também passam pelo processo de racialização devido a marcas sociais como cor, costumes, religião, língua ou outra característica que as distinguem da sociedade ocidental burguesa -, que são mal remuneradas, superexploradas e tem que aguentar uma dupla ou tripla jornada de trabalho, cuidado do lar de outra pessoa e de seu próprio.

A frase, portanto, ilustra que essas mulheres são responsáveis por "abrir" a cidade, cuidando de tudo o que é neces-



Fig.104:  
Françoise Vergès  
Fonte: Folha

sário para que a sociedade burguesa possa andar, enquanto permanecem invisíveis e sem poder desfrutar e usar os espaços que cuidam, sendo colocadas às margens.

*Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, 'abrem' a cidade. Elas limpam os espaços que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, sendo tudo isso prejudicial à saúde delas. (VERGÈS, Françoise, 2020)*

# INVISÍVEIS, ELAS ABREM A CIDADE



LUME  
@lume\_elas

INVISÍVEIS,

ELAS  
ABREM  
A CIDADE

Françoise Vergès

INVISÍVEIS,  
ELAS ABREM  
A CIDADE

Françoise Vergès

LUME  
@lume\_elas

O cartaz da esquerda utiliza a imagem da Françoise Vergès e o segundo de mulheres que participaram da greve na estação francesa.

Fig.105 e 106:  
Cartazes desenvolvidos pela autora



# NINA SIMONE

## Sobre ela

Nina Simone é o nome artístico de Eunice Kathleen Waymon, nascida em 1933 nos Estados Unidos, foi uma pianista, cantora, compositora e ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos, tendo atuado em diversos estilos musicais diferentes, como o blues, folk, soul, R&B, gospel e pop, formada pela Juilliard School, em Nova York, uma das mais renomadas escolas de música, dança e dramaturgia.. Começou a tocar piano ainda criança, mas para conseguir se aperfeiçoar passou por muitas dificuldades devido a cor de sua pele, na época vigorava as leis de segregação racial de Jim Crow no sul do país. Dizem que quando Nina apresentou seu primeiro recital na igreja, seus pais foram proibidos de sentar nas primeiras fileiras porque eram reservadas para brancos, o que causou revolta na artista que se recusou a começar o concerto até que seus pais pudessem assisti-la da frente.

## Sobre o cartaz

Em tempos em que os movimentos sociais são vistos como "mimimi" é preciso lembrar sempre que temos sim uma causa e tirar o peso pejorativo da palavra "rebeldia" e vê-la como uma inquietude frente às desigualdades e opressões do mundo. Nina era uma rebelde que tinha suas convicções muito claras, influenciada pelas ideias do Partido dos Panteras Negras, com figuras como Malcolm X e Angela Davis, acreditava que seria impossível conquistar a liberdade sem uma revolução radical (este tendo significado de raiz e não de extremismo) e colocou esses ideais em seu trabalho e passou a cantar somente músicas de cunho político. Com essa escolha Nina perdeu muitas oportunidades de mercado, seus discos pararam de vender e os shows ficaram raros, mas não era o mais importante para ela, Nina é um exemplo de como podemos unir o ativismo com a arte e usar dessa para transmitir a mensagem dos movimentos sociais.



Fig.107:  
Nina Simone  
Fonte: TIME

**SOU UMA  
REBELDE  
COM UMA  
CAUSA**



SOU UMA  
REBELDE

COM  
UMA  
CAUSA

Nina Simone

LUME  
@lume\_elas

SOU UMA  
REBELDE  
COM UMA  
CAUSA

Nina Simone

LUME  
@lume\_elas

O cartaz da esquerda utiliza a imagem da Nina Simone e o segundo de uma das manifestações do Black Lives Matter após a morte de George Floyd.

Fig.108 e 109:  
Cartazes desenvolvidos pela autora



# MARGARIDA MARIA

## Sobre ela

Margarida Maria Alves, paraibana nascida em 1933, foi uma intensa defensora dos direitos humanos e a primeira mulher presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de sua cidade Alagoa Grande, município que cresceu muito através do cultivo da cana-de-açúcar (que destruiu a Mata Atlântica do lugar e utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava). A sindicalista lutou contra a violência no campo, pelo fim da exploração dos camponeses e pela reforma agrária, denunciou a exploração e o abuso por parte de usineiros e latifundiários, liderando ações importantes pelo direito dos trabalhadores rurais a carteira de trabalho assinada, férias, 13º salário e jornada de trabalho de oito horas. Margarida Alves também foi uma das fundadoras do Movimento Mulheres do Brejo, que articula as lutas das mulheres com as lutas do campo e fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural junto a Paulo Freire.

## Sobre o cartaz

Em seu discurso na comemoração do 1º de maio de 1983 Margarida disse que preferia morrer na luta do que morrer de fome e infelizmente foi o que aconteceu. A sindicalista foi assassinada três meses depois, o principal acusado era Agnaldo Veloso Borges, então proprietário da usina de açúcar local, porém os assassinos nunca foram condenados. Mesmo com sua morte, sua luta permaneceu viva e seu legado perdura até hoje, servindo de inspiração para a criação da Marcha das Margaridas em 2000, que acontece todo ano em agosto para lembrar o mês de sua morte, convocando milhares de mulheres do campo e da floresta vindas de todo o Brasil para as ruas de Brasília.

Essa frase representa a necessidade de olharmos para o recorte de classe dentro da realidade do nosso país, entendendo quem está na base sustentando todo esse modelo de sociedade que vivemos. Existem muitas mulheres trabalhadoras além do espaço urbano que sofrem ainda mais com a violência doméstica e com a exploração de seus trabalhos, é a agricultura familiar composta por essas mulheres que produz o alimento que chega a nossas mesas, mas que não chega em suas próprias casas. O feminismo das mulheres do campo e da floresta luta pelo direito à terra e soberania alimentar.



Fig.110:  
Margarida  
Maria Alves  
Fonte: Uol

**É MELHOR  
MORRER NA  
LUTA DO  
MORRER  
DE FOME**



**É MELHOR  
MORRER NA  
LUTA**

**DO QUE MORRER  
DE FOME**

Margarida Maria

**LUME**  
@lume\_elas

**É MELHOR  
MORRER NA  
LUTA DO  
QUE  
MORRER  
DE FOME**

Margarida Maria

**LUME**  
@lume\_elas

O cartaz da esquerda utiliza a imagem da Margarida Maria e o segundo de uma das Marchas das Margaridas em Brasília.

Fig.111 e 112:  
Cartazes desenvolvidos pela autora



**É MELHOR  
MORRER NA  
LUTA**

**DO QUE MORRER  
DE FOME**

Margarida Maria

LUME  
@lume\_elas

**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**

CONSTANTE  
CONSTANTE  
CONSTANTE

Angela Davis

LUME  
@lume\_elas

LUME  
@lume\_elas

**INVISÍVEIS,**

**ELAS  
ABREM  
A CIDADE**

Françoise Vergès

**SOU UMA  
RE  
BEL  
DE**

**COM  
UMA  
CAUSA**

Nina Simone

LUME  
@lume\_elas

Fig.113: Exemplo dos cartazes no espaço urbano



**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**

Angela Davis

**LUME**  
@lume\_elas

**SOU UMA  
REBELDE  
COM UMA  
CAUSA**

Nina Simone

**LUME**  
@lume\_elas

Fig.114: Exemplo dos cartazes no espaço urbano



# INVISÍVEIS, ELAS ABREM A CIDADE

Françoise Vergès

**LUME**  
@lume\_elas

# É MELHOR MORRER NA LUTA <sup>DO</sup> <sub>QUE</sub> MORRER DE FOME

Margarida Maria

**LUME**  
@lume\_elas

Fig.115: Exemplo dos cartazes no espaço urbano



# DIVULGAÇÃO

Em abril de 2021 comecei a participar do desafio "36 days of type" no Instagram, que ocorre anualmente e convida designers e artistas do mundo todo para expressar seus estilos e perspectivas no desenho de letras e números do alfabeto latino, sendo um desenho por dia, consecutivamente. Usei esse desafio como forma de expandir meu repertório de referências e praticar o desenho de diversos estilos diferentes para poder aplicar futuramente no TCC. Como já tinha em mente o intuito do projeto de disseminar o conhecimento sobre o feminismo, decidi dedicar cada letra para uma autora ou tema que se relaciona com o movimento, compartilhando junto um breve conteúdo e indicações de leituras, podcasts e canais do Youtube.

Ao longo do tempo em que estava produzindo as letras percebi que precisava antes me aprofundar mais no conteúdo teórico e buscar referências de tipografia e design dentro do feminismo e ativismo em si, pois estava projetando baseado em um conceito criado a partir das histórias e características das autoras e temas específicos de cada letra e não a partir de uma referência estética e teórica de aplicações ativistas do design. Com isso, decidi pausar o desafio para fazer as análises dos cartazes feministas.

Com as letras e cartazes finalizados, voltei a pensar em como usar o perfil do Instagram para divulgar o projeto. Alguns teóricos chamam o ativismo virtual de "ativismo de sofá" e veem nele um ato preguiçoso. De fato não devemos tê-lo como única alternativa, pois não são capazes de proporcionar mudanças na prática por si só, postar uma

imagem na sua rede social não faz com que as estruturas e problemas sociais acabem, mas em momentos como o mundo vive desde 2020 com a pandemia da Covid-19, a internet têm sido muito importante para auxiliar no planejamento e divulgação das manifestações, por exemplo. O ativismo digital não deve substituir o engajamento nas ruas e em organizações e coletivos, mas é um aliado para fazer com que as informações cheguem a mais pessoas, visto que as redes sociais possuem um enorme poder de viralização e pode ser um passo inicial para algumas procurarem se envolver e saber mais sobre determinadas pautas que veem em suas mídias.

Com a experiência dos 36 dias de tipo consegui ver isso na prática, muitas pessoas comentavam que nunca tinham ouvido falar de certos termos e pessoas e que estavam gostando muito de conhecer através das postagens.

Como referência de perfis que se dedicam a esse trabalho nas redes sociais temos o Design Ativista e o Militante Cansado que usam do design como ferramenta de protesto, divulgação e informação. Este é comandado pelo Matheus Carvalho, designer, comunicador e militante ecossocialista que além das postagens de luta também compartilha dicas de leitura. Já o primeiro é comandado pela Mídia Ninja,

"uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho. Entendemos a comu-

nicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI."

e é construído de forma coletiva, os posts são coletados através da hashtag "#DesignAtivista" e compartilhado no perfil oficial. Além disso, também fazem convocatórias para pessoas criativas que queiram colaborar com artes para manifestações e protestos, todos os arquivos são colocados em uma pasta pública que fica aberta para qualquer pessoa que quiser usar.

A ideia para o Lume é compartilhar então essas produções juntamente com um pequeno conteúdo e indicações e disponibilizar os cartazes abertamente para impressão.

**Perfil no Instagram e Twitter: @lume\_elas**

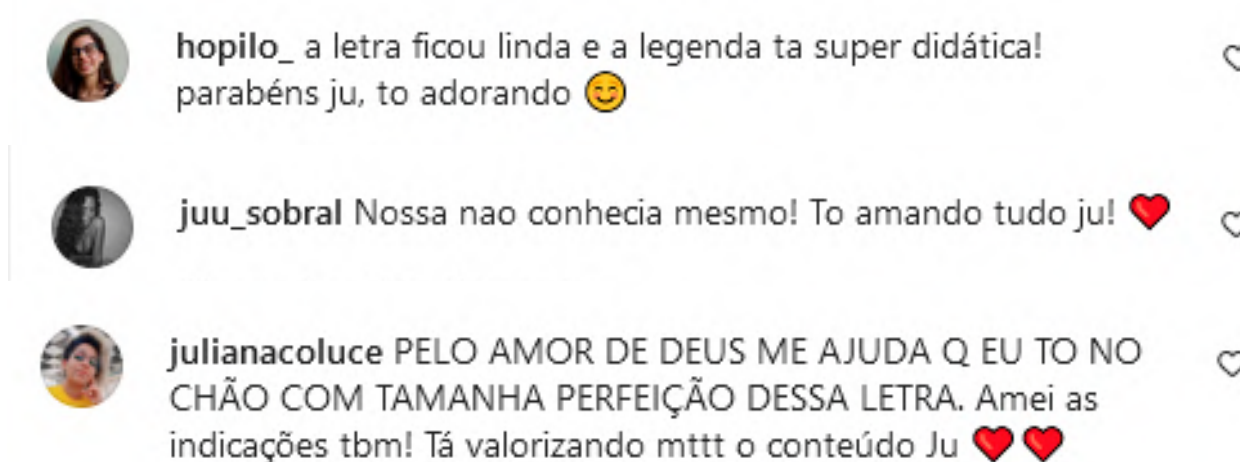


Fig.116: Feedback sobre os conteúdos  
Fonte: da autora





Fig.117: Exemplo de publicação que estava sendo feita  
Fonte: da autora

**lume\_elas** • Seguindo

**lume\_elas** G de gênero

Irei focar hoje na questão de gênero abordada pela Simone de Beauvoir, mas vai ter uma letra destinada para falar sobre gênero no geral também, aguardem hehe.

Simone de Beauvoir foi uma escritora, teórica e filósofa existencialista e feminista francesa, nascida em 1908. É considerada como uma das figuras principais do movimento feminista e que traz um vasto questionamento sobre o que é ser mulher e os papéis de gênero na sociedade. Quem nunca ouviu a famosa frase "Não se nasce mulher, tornar-se mulher.", mas o que isso significa?  
O livro "O Segundo Sexo" é uma obra filosófica - apesar de todo o conteúdo que o livro traz sobre o feminismo, foi só após alguns anos de sua publicação que ela adotou o título de feminista - que se tornou atemporal e embasa muitos pensamentos e teorias contemporâneas.

Ao longo dos dois volumes da obra, a autora traz argumentos tirados da biologia, antropologia, psicanálise, história e demais áreas do conhecimento para questionar a relação desproporcional de poder entre os sexos (na época ela usou o termo sexo e não gênero) e como a sociedade construiu imposições do que se espera da mulher, suas ações e obrigações. Então, quando a autora diz que ninguém nasce mulher, torna-se, está querendo dizer que o gênero é uma construção social, contestando o pensamento determinista vigente que se utilizava da biologia para validar e explicar as desigualdades e a inferiorização da mulher, colocada sempre como o "Outro" em relação ao homem.

"Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...] São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei."

Curtido por maria.fulco e outras pessoas

30 DE ABRIL DE 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fig.11g: Exemplos de publicação para o Instagram  
Fonte: da autora

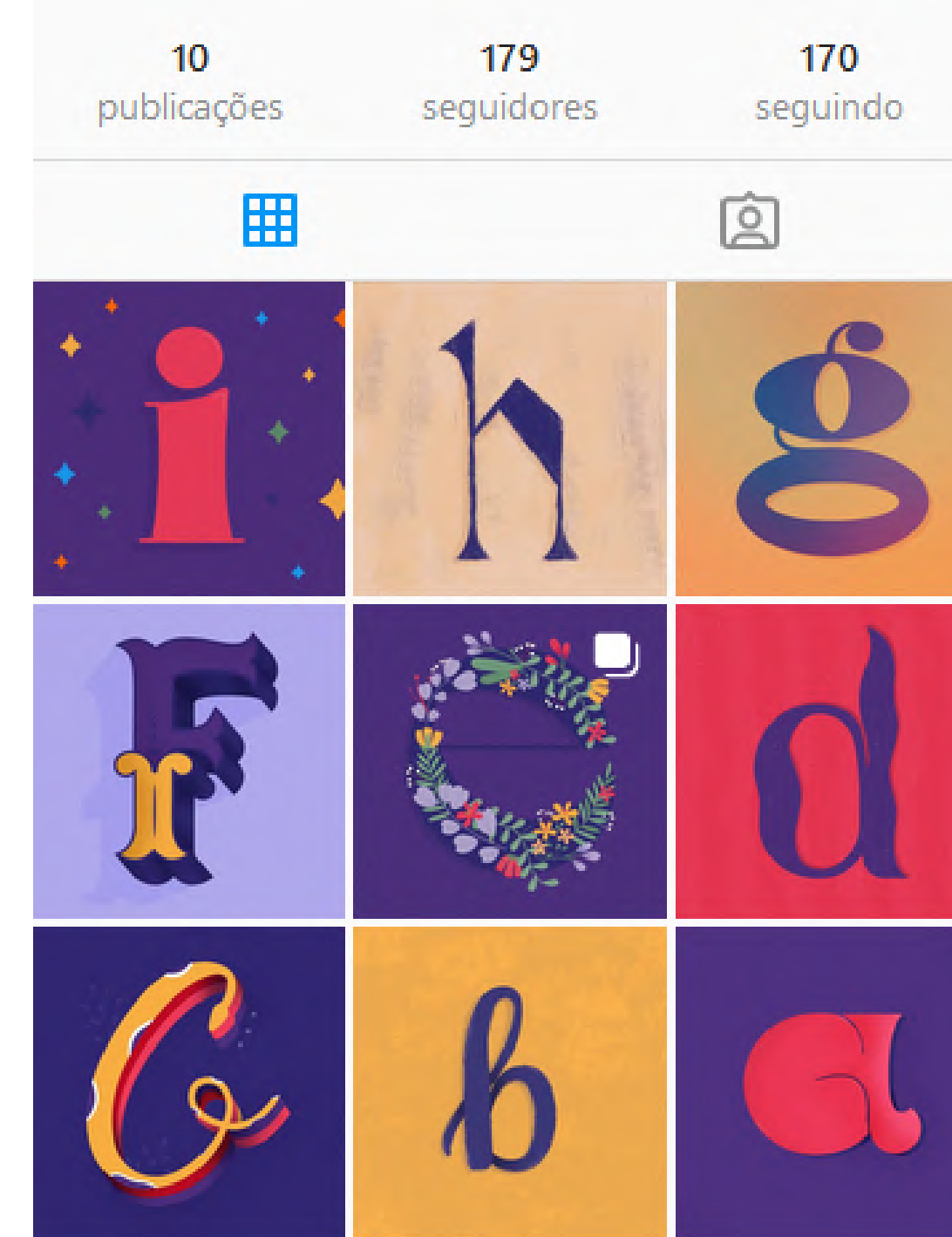


Fig.118: Letras feitas para o 36 days of type  
Fonte: da autora

**INVISÍVEIS, ELAS ABREM A CIDADE**  
Françoise Vergès

"Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, 'abrem' a cidade. Elas limpam os espaços que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, sendo tudo isso prejudicial à saúde delas."

LUME



# CONCLUSÃO

Ao longo desses anos na graduação sempre me questionei sobre a aplicação que o conhecimento que eu estava adquirindo ia ter, nunca me atraía a ideia de usar o design para um caráter puramente mercadológico, mas não sabia como e se seria possível escapar disso. Coloquei todas as minhas forças e dedicação para descobrir isso neste trabalho, várias vezes me questionei se daria certo e se eu acharia a resposta que tanto queria: como fazer design de forma social, sem visar o lucro, subvertendo a lógica capitalista que é enraizada na nossa profissão. O que eu descobri é que não existe uma receita mágica, uma forma certa e exata de fazer isso, mas sim que tudo o que projetamos pode ser político. Considerando o modelo de sociedade em que vivemos é impossível escapar totalmente dessa lógica de atuação do design, mas podemos sempre arrumar brechas e são nelas que eu me agarro. Finalizo este trabalho com um sentimento de dever cumprido comigo mesma. Apesar de saber que a militância não é tarefa fácil e que o mundo tem muitos obstáculos para quem ousa enfrentar as estruturas hegemônicas, saber que o design é uma ferramenta que pode auxiliar nesse processo me deixa mais esperançosa.

Meu objetivo, além dessa busca pessoal, é colocar esse debate à tona cada vez mais no nosso meio, instigar esse questionamento nas pessoas próximas a mim e no curso, mostrando que em tempos tão difíceis como o que vivemos agora é urgente que nos posicionemos e usemos o design para contribuir nas lutas. Minha participação nas entidades estudantis como o centro acadêmico e o coletivo feminista me permitiram ter uma vivência da universidade muito mais rica e me possibilitaram hoje concluir esse ciclo unindo todo esse conhecimento com a minha profissão.



# REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Geraldo Fidelis de; SOUZA, Eduardo Antonio Barbosa de Moura; CADENA, Renata Amorim; **"Um panorama do Movimento Ocupe Estelita: design gráfico político e possíveis conexões"**, p. 6046. In: Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design (2018). São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/um-panorama-do-movimento-ocupe-estelita-design-grfico-politico-e-possveis-conexes-30486>. Acesso: 18 de março de 2021.

BARROS, Roberta. LIMA, Paula. SEHN, Thaís. **DESIGN E O PERCURSO FEMINISTA: O COLETIVO GRÁFICO FEMININO DE CHICAGO**. Educação Gráfica, vol. 21, num. 1, p.159 - 169, abril, 2017. Disponível em: <http://www.educacaografica.inf.br/artigos/design-e-o-percurso-feminista-o-coletivo-grafico-feminino-de-chicago-design-and-the-feminist-journey-chicago-womens-graphic-collective>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021

BONSIEPE, Gui. **Design and Democracy**. Design Issues, vol. 22, num. 2, 2006. Disponível em: <http://direct.mit.edu/desi/article-pdf/22/2/27/1714078/desi.2006.22.2.27.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2021.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. 2. ed. [S. l.]: Editora Edgard Blucher Ltda., 2019. 270 p.

BRAGA, Marcos (org.). **O Papel Social do Design Gráfico: história, conceitos & atuação profissional**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. 192 p.

Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 12º, 2016, Belo Horizonte. **ARTE GRÁFICA DE PROTESTO: REFLEXÕES ACERCA DOS CARTAZES POLÍTICOS DAS JORNADAS DE JUNHO**. Blucher Design Proceedings, 2016. 607. Num. 2, Vol. 9.

Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONINC SEMESP), 16º, 2016, São Paulo. **O DESIGN GRÁFICO COMO MEIO DE ATIVISMO**. 2016.

COSTA, Maria. COELHO, Naiara. **A(R)TIVISMO FEMINISTA - INTERSECÇÕES ENTRE ARTE, POLÍTICA E FEMINISMO**. Confluências - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito.

Vol. 20, num. 2, p.25 a 49, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335701119\\_ARTIVISMO\\_FEMINISTA\\_-\\_INTERSECCOES\\_ENTRE\\_ARTE\\_POLITICA\\_E\\_FEMINISMO](https://www.researchgate.net/publication/335701119_ARTIVISMO_FEMINISTA_-_INTERSECCOES_ENTRE_ARTE_POLITICA_E_FEMINISMO). Acesso em: 30 de agosto de 2021.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. ed. [S. l.]: Boitempo, 2018. 144 p.

DAVIS, Angela. **Angela Davis: A potência de Sojourner Truth**. [S. l.]: Boitempo, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/26/angela-davis-a-potencia-de-sojourner-truth/>. Acesso em: 19 dez. 2021.

DESIGN E OPRESSÃO. **Bell hooks tem a ver com design?**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: [https://youtu.be/HL4EKhX\\_nYw](https://youtu.be/HL4EKhX_nYw). Acesso em: 2 dez. 2021.

DIAGRAMA - DESIGN, PROCESSO E CULTURA VISUAL. **Polígono 02: Design de Protesto**. Rogério Lionzo, Rafael Bessa, Camila Rosa. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/5HWfoFCo4DxlqmvINXIMkr?si=gmZz9tj5SUE\\_YOjflA-n6Q&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/5HWfoFCo4DxlqmvINXIMkr?si=gmZz9tj5SUE_YOjflA-n6Q&utm_source=whatsapp). Acesso em: 18 jan. 2021.

FINIZOLA, Fátima. **TIPOGRAFIA VERNACULAR URBANA: UMA ANÁLISE DOS LETREIAMENTOS POPULARES**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda., 2010. 110 p.

FUNDAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS MARGARIDA MARIA ALVES (FDDHMA). **Homenagens: Margarida Maria Alves**. [S. l.]. Disponível em: <https://www.fundacao-margaridaalves.org.br/homenagens/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

GOSLING, Emily. Strongly worded letters: **Typography and modern protest**. [2020] data provável. Disponível em: <https://www.monotype.com/resources/expertise/typography-and-modern-protest>. Acesso em: 12 set. 2021.

GUIMARÃES, Maria. **A visibilidade do Lilás para o feminismo**. [S. l.]: Tamo Juntas, 3 mar. 2021. Disponível em: <https://tamojuntas.org.br/a-visibilidade-do-lilas-para-o-feminismo/>. Acesso em: 18 jan. 2022.



INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Os cartazes desta história:** Memória gráfica da resistência à Ditadura Militar e da redemocratização (1964 - 1985). São Paulo: Escrituras, 2012. 254 p.

KLAFKE, Raquel; BRAGA, Marcos da Costa. **Mulherio: estudo de caso de publicação da imprensa feminista brasileira nos anos 1980.** *Projetica*, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/35167>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MARTINS, Vivian. CAMPOS, Gisela. **Artivismo e Ativismo:** Design Gráfico e Coletivos. *DA-TJournal*, vol.5, num.1, p.114, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340241757\\_Artivismo\\_e\\_Ativismo\\_Design\\_Grafico\\_e\\_Coletivos](https://www.researchgate.net/publication/340241757_Artivismo_e_Ativismo_Design_Grafico_e_Coletivos). Acesso em: 01 de março de 2021.

OBSERVATÓRIO DA MARCHA DAS MARGARIDAS. **O que é a Marcha das Margaridas.** [S. l.]. Disponível em: <https://www.fundacaomargaridaalves.org.br/homenagens/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

OZKAL, Ozlem. **Letters against letters:** Typography as a means for Design Activism. *Design and Resistance: Proceeding of Ninth Annual 5T: Turkish Design History Society Meetings*, [s. l.], 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/7637045/Letters\\_against\\_letters\\_Typography\\_as\\_a\\_means\\_for\\_Design\\_Activism?auto=citations&from=cover\\_page](https://www.academia.edu/7637045/Letters_against_letters_Typography_as_a_means_for_Design_Activism?auto=citations&from=cover_page). Acesso em: 17 set. 2021.

PAPANEK, Victor. **Design For The Real World:** Humam Ecology and Social Change. 2. ed. [S. l.]: Chicago Review Press, 2005. 416 p.

PATER, Ruben. **Políticas do Design:** Um guia (não tão) global de comunicação visual. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 192 p.

REVOLUSHOW. **Design e Marxismo.** Diego Miranda, João Carvalho, Pedro Ribeiro, Matheus Augusto. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1JZLAM-2TUcbEXyXUgpo2Ac?si=ea71c3eea5c244fb>. Acesso em: 18 jan. 2021.

RODADAS NEGRAS. **Nina Simone, a ativista!** [S. l.], 2019. Disponível em: <https://medium.com/@rodadasnegras/nina-simone-a-ativista-c33d8eabd9f2>. Acesso em: 11 fev. 2022.

com/@rodadasnegras/nina-simone-a-ativista-c33d8eabd9f2. Acesso em: 11 fev. 2022.

SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN, 2., 2018, São Paulo. Seminário. São Paulo: FAUUSP, 2018. 1 p. Tema: **O papel do design na circulação de narrativas ativistas nas redes sociais.**

SILVA, Camila. **DESIGN E QUESTÕES SOCIAIS:** ELABORAÇÃO DE UMA TIPOGRAFIA PARA CAUSAS FEMINISTAS. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Rochelle Cristina dos Santos. 2016. 103 f. TCC (Graduação) - Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/164594>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

SILVA, Olívia. **DESIGN DE TIPOS E EXPRESSÃO:** DESENVOLVIMENTO DE UMA TIPOGRAFIA DISPLAY PARA CARTAZES DE PROTESTO. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary Vonni Meürer. 2018. 84 f. TCC (Graduação) - Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187596>. Acesso em: 05 de janeiro de 2021.

SILVA, Rubens Rangel. **O cartaz político e poético:** revolução em imagens. Orientadora: Maria do Carmo de F. Veneroso. 2017. 373 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-APEPRL>. Acesso em: 14 ago. 2021.

THOMAZ, João Victor. **DESENVOLVIMENTO DE TIPOGRAFIA DISPLAY PARA USO PELO MOVIMENTO LGBTQ+.** Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isadora Burmeister Dickie. 2019. 90 f.. TCC (Graduação) - Design, Univille, Joinville. 2019.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** [S. l.]: Ubu Editora, 2020. 144 p

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do Feminismo.** [S. l.]: Blog Mulheres na Filosofia, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 15 dez. 2021.